

— — — A Classe Difícil de Predicados Ađjetivais do Português

por

Tania Maria Alkmim

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística
do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de
Campinas como requisito
parcial para obtenção do
grau de Mestre em Linguís-
tica

AL49C

Campinas

1975

A presente pesquisa
foi financiada pela
Fundação de Amparo
à Pesquisa do Esta-
do de São Paulo
(processo 73/949).

A Classe Diffícil de Predicados Adjetivais
do Português

Autor: Tania Maria Alkmim

Orientador: A. Carlos Quicoli

Resumo

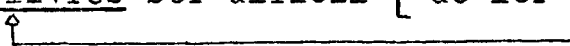
A presente dissertação se propõe a examinar uma classe de predicados adjetivais, que inclui predicados como ser difícil, ser fácil, ser simples, ser impossível, ser duro, como o que ocorre nos exemplos

(i) É difícil ler esses livros

(ii) Esses livros são difíceis de ler.

A literatura gerativa transformacional disponível aponta duas hipóteses, conflitantes, para a descrição dos fatos envolvidos em sentenças como (i) e (ii). Assim, segundo uma das hipóteses, referida no presente trabalho como hipótese de alçamento do objeto, sentenças como (ii) devem ser descritas como derivadas de estruturas mais imediatas como (i), através de uma regra opcional de alçamento do objeto. A regra de alçamento do objeto incidiria opcionalmente sobre o NP objeto da sentença complemento e o moveria para a posição de sujeito superficial do predicado ser difícil, mais ou menos como indicado em

(iii) Esses livros ser difícil [de ler]



Segundo a outra hipótese, referida no presente trabalho como hipótese de alçamento do objeto, sentenças como (ii) devem ser descritas como derivadas de uma base como (iv), onde se aplicaria uma regra de apagamento do objeto que eliminaria o objeto da sentença complemento, correferente com o sujeito do predicado ser difícil, mais ou menos como indicado em

(iv) Esses livros₁ ser difícil [de ler esses livros_i]



Essas duas hipóteses alternativas foram feitas com base nos dados da língua inglesa. Na presente dissertação são ambas testadas quanto a sua adequação para descrever os fatos correspondentes da língua portuguesa. Conclui-se que tanto uma como a outra não dá conta cabalmente destes fatos, o que indica a necessidade de uma revisão mais profunda dos problemas abordados, seja de modo a conciliar as hipóteses concorrentes baseadas no inglês, seja para chegar a desenvolver nova hipótese descritiva, que dê conta satisfatoriamente dos fatos das duas línguas consideradas e que, assim, tenha propriedades mais universalizantes.

ÍNDICE

Página

0. Introdução.....	1
1.0. A classe <u>tough</u> em inglês.....	5
1.1. A hipótese de alçamento do objeto.....	6
1.1.1. Argumentos em favor da hipótese de alçamento do objeto.....	8
1.1.2. Condições sobre a regra de alçamento do objeto.....	10
1.2. A hipótese de apagamento do objeto.....	11
1.2.1. A análise de Lasnik e Fiengo (1973).....	15
1.2.2. Argumentos em favor da hipótese de apagamento.....	17
Notas.....	25
2.0. A classe <u>difícil</u> em português.....	28
2.1. A hipótese de alçamento do objeto.....	28
2.1.1. Argumentos em favor da hipótese de alçamento do objeto.....	32
2.1.2. Condições sobre a regra de alçamento do objeto.....	35
2.1.3. Alçamento do objeto: sumário.....	38
2.2. A hipótese de apagamento do objeto.....	39
2.2.1. Argumentos em favor da hipótese de apagamento do objeto.....	42
2.2.2. Apagamento do objeto: sumário.....	53
Notas.....	55
3.0. A classe <u>difícil</u> : apagamento X movimento....	58
3.1. Problemas teóricos.....	58
3.2. Revisão dos argumentos: modais e indefinidos.....	60
3.3. Novos fatos.....	68
3.4. Conclusão.....	87
Notas.....	89
Bibliografia.....	94

0. Introdução

Em Current Issues in Linguistic Theory, Chomsky (1964) aponta o contraste existente entre sentenças inglesas como

- (i) John is easy to please.
- (ii) John is eager to please.

Chomsky observa que, embora essas sentenças sejam superficialmente idênticas, há diferenças profundas quanto à maneira como elas são entendidas pelos falantes nativos do inglês. Ele aponta que, em (i), John é entendido como sendo o objeto direto de please, ao passo que em (ii), John é entendido como sendo o sujeito de please. Chomsky argumenta que uma gramática empiricamente adequada do inglês deverá assegurar descrições estruturais distintas a essas sentenças, embora elas sejam superficialmente idênticas, de modo a dar conta do fato de elas serem entendidas de maneira distinta pelos falantes nativos.

— A partir da observação contida em Chomsky (1964), várias propostas de análise para os fatos envolvidos em sentenças como (i) e (ii) surgiram. É possível, no entanto, resumir essas diferentes propostas em dois grupos. De um lado, estão as análises que propõem uma regra de movimento para derivar sentenças como (i) de uma estrutura mais imediata como:

- (iii) It is easy to please John

Mais ou menos como se pode ver em

- (iv) a. It is easy [to please John]

b. John is easy [to please]

Assim, haveria uma regra de movimento, aqui chamada de alçamento do objeto, que moveria o objeto do complemento do predicado adjetival be easy, John, para a posição de sujeito superficial desse mesmo predicado. Esse primeiro grupo será chamado de hipótese de alçamento do objeto e dentro dele estão reunidos os trabalhos de P. Rosenbaum (1967) e P. Postal (1971). De outro lado, estão as análises que propõem uma regra de apagamento para derivar sentenças como (i) de uma estrutura como

(v) John_i is easy [to please John_i]

onde a segunda ocorrência de John é eliminada. Assim, haveria uma regra de apagamento, aqui chamada de apagamento do objeto, que eliminaria o objeto do complemento do predicado adjetival be easy, John, referente com o sujeito desse mesmo predicado, John. Dentro desse segundo grupo, que será chamado de hipótese de apagamento do objeto, estão as análises de J.R. Ross (1967) e de H. Lasnik e R. Fiengo (1973).

Em português, há sentenças como (vi), paralela à sentença (i) do inglês.

(vi) Essas revistas são difíceis de ler.

A exemplo do que ocorre no inglês, é possível supor hipóteses alternativas para descrever os fatos envolvidos no tipo de construção com predicados adjetivais como ser difícil. Ou seja, podemos supor que sentenças como (vi) são derivadas de estrutura mais imediata como

(vii) É difícil ler essas revistas

através de uma regra de movimento, semelhante a apontada para o inglês mais ou menos como indicado em

(viii) a. Ser difícil [ler essas revistas]
 b. Essas revistas ser difícil [de ler]



Ou podemos supor que sentenças como (vi) são derivadas de uma estrutura como (ix), onde se aplicaria uma regra de apagamento:

(ix) Essas revistas_i são difíceis [de ler essas revistas_i]



A presente dissertação se propõe a examinar os predicados adjetivais da classe difícil. Assim, se rão discutidas as hipóteses descritivas, a hipótese de alçamento e a hipótese de apagamento, com vistas a uma possível adequação empírica aos fatos do português.

Na seção 1, será apresentado, em linhas gerais, um resumo das principais propostas disponíveis na literatura gerativa transformacional, reunidas sob a denominação de hipótese de alçamento do objeto e hipótese de apagamento do objeto, feitas com base nos dados do inglês, onde se incluem argumentos que cada proposta apresenta em seu favor. Na seção 2, as hipóteses, apresentadas na seção 1, serão discutidas com base nos dados do português. Na seção 3, são apontados problemas surgidos da comparação entre as duas hipóteses, no português, e em seguida alguns contra-argumentos à hipótese de alçamento são rediscutidos. Ainda nessa seção, procurou-se trazer novos fatos que

permitissem optar por uma das duas hipóteses. Consta, também, uma parte contendo observações (conclusão da pesquisa) que, em vista da impossibilidade presente de apontar uma solução satisfatória, sugerem um caminho para a rediscussão dos fatos.

1.0. Classe tough em inglês

Em inglês, há uma classe de predicados adjetivais, a chamada classe tough, que inclui be easy, be difficult, be tough, be impossible, be simple, da qual foi observado um comportamento sintático particular. Esse comportamento sintático seria o que se pode observar nas sentenças abaixo:

(1) It is tough to please John

(2) John is tough to please.

Ou seja, sentenças como (2) seriam relacionadas a sentenças como (1), pelo fato de que o objeto do verbo do complemento John em (1) pode tornar-se sujeito do predicado adjetival be tough em (2).

Essa observação inicial baseou-se numa possível relação de sinonímia entre sentenças como (1) e (2).

No entanto, a esse tratamento primeiro da chamada classe tough, seguiu-se uma outra orientação que sugeria outro ponto de partida analítico. Assim, em vez de se pautar por uma possível relação de sinonímia entre sentenças como (1) e (2), buscou-se caracterizar a classe tough como uma estrutura sintática paralela a outros predicados adjetivais como be agreeable.

Nessa seção, serão apresentadas as análises propostas para a descrição de predicados adjetivais tough no inglês. As análises propostas são resumidas em dois grupos, chamados aqui de hipótese de alçamento do objeto e hipótese de apagamento do objeto. Serão apresentados também, os argumentos que cada hipótese apresenta em seu favor.

Sob a chamada hipótese de alçamento, são colocados os trabalhos de Rosenbaum (1967) e Postal (1971) ¹.

Sob a chamada hipótese de apagamento, estão incluídos o trabalho de Ross (1967) e o de Lasnik e Fiengo (1973).

1.1. A hipótese de alçamento do objeto

Rosenbaum (1967) tratou brevemente os fatos, apontados por Chomsky (1964), envolvidos em sentenças como:

- (1) It is tough to please John.
- (2) John is tough to please.

Rosenbaum observa que há uma classe de adjetivos do tipo easy, difficult, que requer a formulação de uma transformação espacial. Segundo ele, sentenças como:

- (2) John is tough to please

seriam derivadas de uma estrutura imediata como

- (1) It is tough to please John.

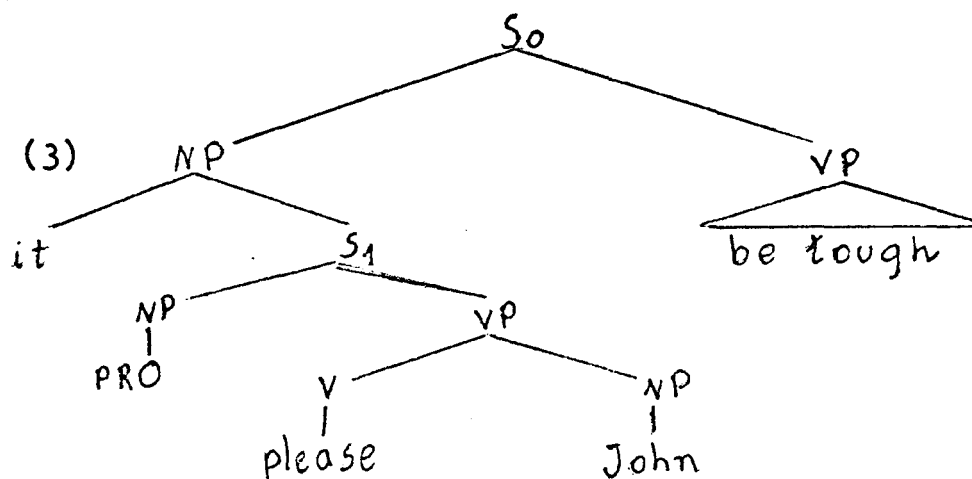
através de uma regra que moveria John, objeto de please, para o lugar do núcleo pronominal it, tornando John o sujeito de is easy.

Postal (1971) apresenta uma formulação mais explícita da regra apontada por Rosenbaum (1967) e a denomina tough-movement.

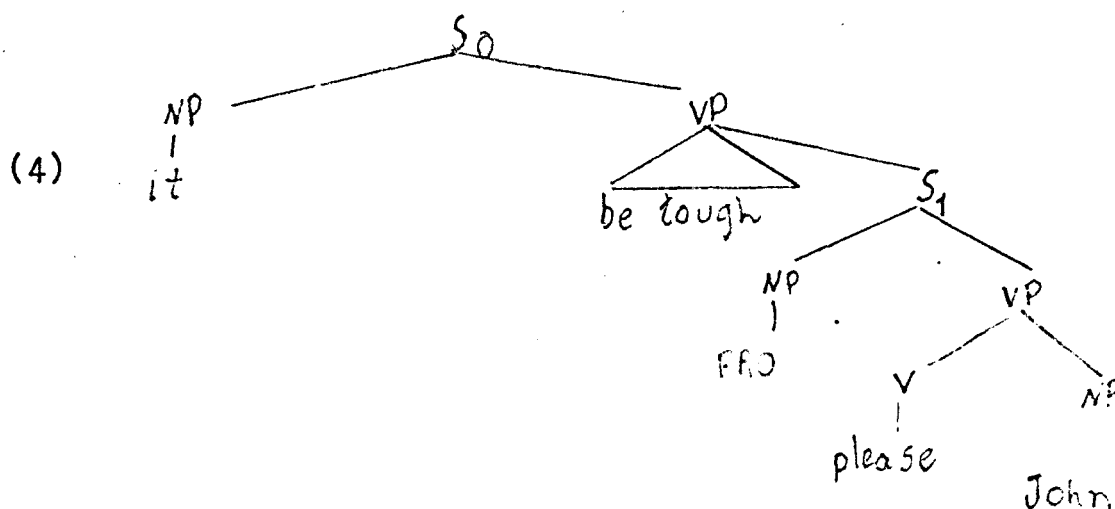
A regra de tough-movement, que daqui por diante será chamada de regra de alçamento do objeto,

toma, opcionalmente, o NP não-sujeito de um complemento extraposto e substitui o sujeito pronominal inicial it por esse NP ².

Assim, segundo Postal, sentenças como (1) e (2) seriam derivadas de uma mesma estrutura profunda (3) ³:

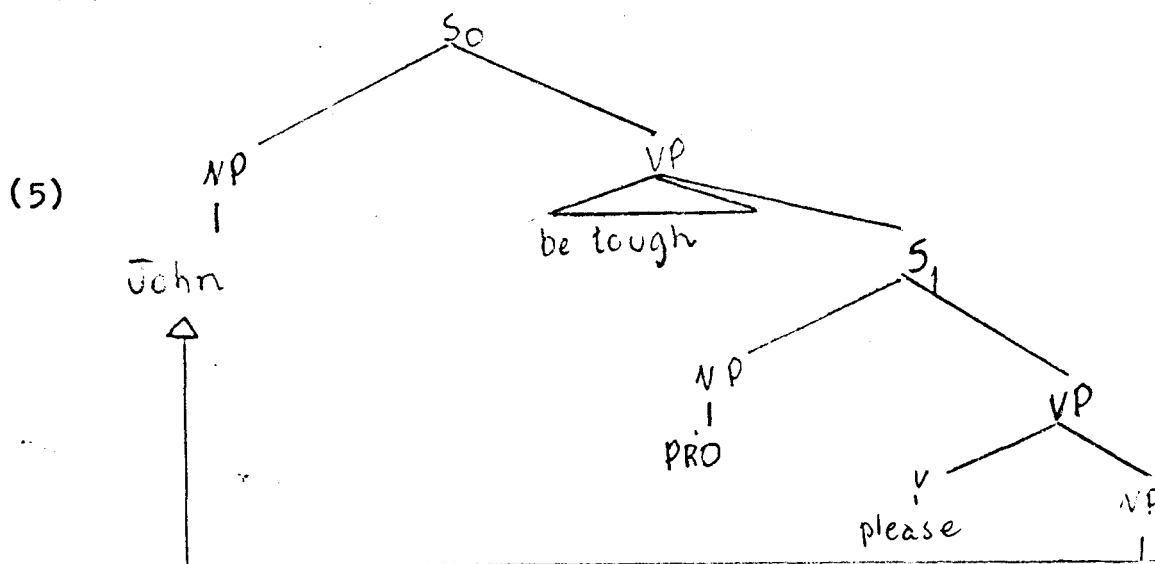


Para derivar (1), aplicaríamos a regra opcional de extraposição em (3), que moveria S_1 para a dominação do VP da sentença matriz, produzindo uma estrutura derivada como



(1) It is tough to please John

A partir de uma estrutura como (4), a regra de alçamento do objeto se aplicaria, movendo o NP John para o lugar de it, como indicado em (5), obtendo-se (2).



(2) John is tough to please.

1.1.1. Argumentos em favor da hipótese de alçamento

Um argumento dado em favor dessa análise é que a regra de alçamento do objeto permitiria dar conta da possível sinonímia entre sentenças como (1) e (2), o que não poderia ser conseguido naturalmente se as duas sentenças fossem analisadas como tendo estruturas profundas distintas.

Outro argumento a favor da hipótese de alçamento é baseado na restrição seletional e se desenvolve essencialmente da seguinte maneira.

Observemos, inicialmente, que há restrições quanto ao que pode ser objeto de certos verbos transi

tivos:

- (6) a. John reads the book
 b.*John reads the table.

Logo, um verbo como read deve ser subcategorizado de modo a indicar que pode ter objetos como book e não como table.

Consideremos, agora, as seguintes sentenças:

- (7) a. The book is easy to read
 b.* The table is easy to read

A partir daí, podemos raciocinar da seguinte maneira. Vamos supor que the book em (7a) e the table em (7b) são sujeitos na estrutura profunda de is easy. Podemos concluir com isso que is easy admite sujeitos como the book mas não como the table. No entanto, quando falamos em restrição seletional do verbo read, observamos também que ele pode ter the book mas não the table como objeto. Parece então, seguir-se dessa suposição primeira que teremos de mencionar duas vezes a mesma restrição seletional, isto é, quanto ao que pode ser objeto de read e quanto ao que pode ser sujeito de is easy. Assim, temos uma perda de generalização, porque somente pode ser sujeito de is easy o que pode ocorrer como objeto de read.

Admitamos, agora, que the book, em (7a), e the table, em (7b), são sujeitos superficiais das sentenças. Nesse caso, a restrição seletional só será mencionada quanto ao que pode ser objeto de read. A restrição quanto ao que pode ser sujeito de is easy decorrerá automaticamente.

1.1.2. Condição sobre a regra de alçamento do objeto

Postal (1971) levanta alguns problemas que se riam necessários resolver para ser possível formular mais precisamente a regra de alçamento do objeto.

Ele faz notar que há restrições a serem feitas sobre a regra de alçamento do objeto, pois não é possível mover indiferentemente qualquer NP da sentença complemento.

Um primeiro caso apontado é que a aplicação da regra de alçamento em elementos de pictures nouns (terminologia de Ross (1967)) não produz resultado claro:

(8)a. It is difficult for Bill to take a picture of Mary.

b.? Mary is difficult for Bill to take a picture of.

Um segundo caso é que a regra de alçamento pa rece não poder mover o NP de certas cláusulas preposi cionadas:

(9)a. It is difficult for Jack to get disgusted with Mary.

b.? Mary is difficult for Jack to get disgusted with.

Um terceiro caso é que a regra não se aplica em objetos indiretos que sofreram aplicação anterior de indirect object movement:

(10)a. It is difficult for John to give Mary the book.

b.*Mary is difficult for John to give the book.

Observe que (10)b contrasta com (11)b, onde Mary não sofreu a aplicação object indirect movement:

- (11)a. It is difficult for John to give the book to Mary.
 b. Mary is difficult for John to give the book to.

Há ainda uma restrição quanto ao caráter do NP a ser movido. A regra de alçamento só se aplicaria em NPs definidos. Assim, (12)a, onde é movido um NP definido, contrasta como (12)b, onde é movido um NP indefinido.

- (12)a. The car, which I gave to Bill, is difficult for him to drive slowly.
 b. * A car, which I gave to Bill, is difficult for him to drive slowly.

Postal observou, também, que embora a regra de alçamento não se aplicasse em NPs indefinidos, ela operaria em formas genéricas, estruturalmente definidas de algum sentido, que se apresentam superficialmente indefinidas, como os exemplos em (13) e (14).

- (13) a. It is tough to park cars in Manhattan.
 b. Cars are tough to park in Manhattan.
 (14) a. It is easy to lure a fox into a box.
 b. A fox is easy to lure into a box.

Em resumo, indefinidos puros não podem sofrer aplicação da regra de alçamento do objeto, ao passo que indefinidos genéricos podem.

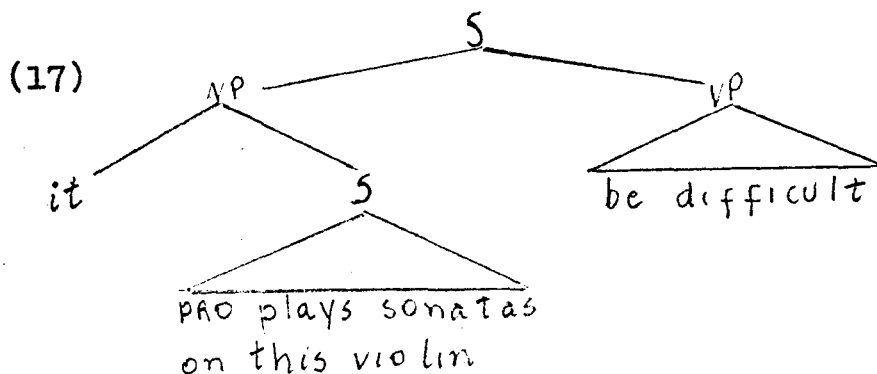
1.2. A hipótese de apagamento do objeto.

Ross (1967) discutiu brevemente a classe de predicados tough e aponta um tratamento divergente do que vinha sendo dado nos trabalhos dentro da gramática gerativa transformacional⁴. Segundo Ross, em vez de uma regra de movimento, tipo alçamento do objeto, devemos ter uma regra de apagamento na descrição dos predicados tough.

Ross refere-se ao fato de que assumiu-se que sentenças como (15) e (16) eram sinônimas e portanto deriváveis da mesma estrutura profunda (17), por uma regra de reordenação que substituiria it por um NP de cláusula extraposta.

(15) It is difficult to play sonatas on this violin.

(16) Sonatas are difficult to play on this violin.

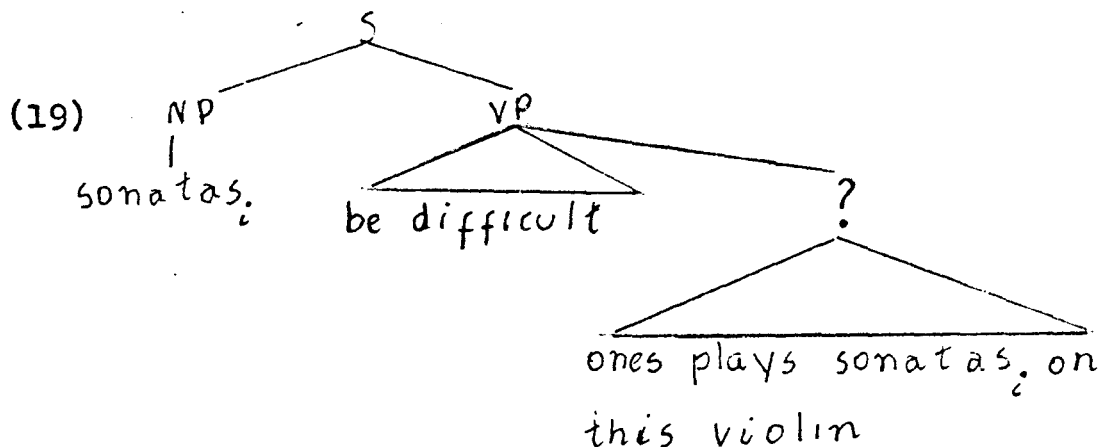


O primeiro argumento por Ross contra essa análise é baseado numa observação de Klima (1964)⁵ de que a sentença (18) também seria derivável da estrutura profunda (17), embora não fôsse sinônima de (16).

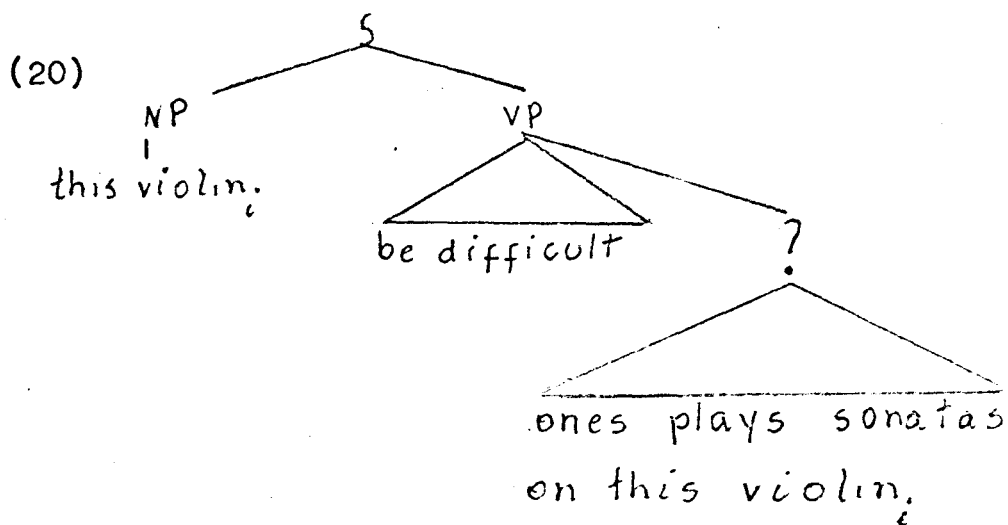
(18) This violin is difficult to play sonatas on⁶.

Baseado nesse ponto, Ross propõe que (16) e (18) tenham estruturas profundas distintas que seriam (19) e (20) respectivamente.

(16) Sonatas are difficult to play on this violin.



(18) This violin is difficult to play sonatas on.



As sentenças (16) e (18) seriam derivadas pe la aplicação de uma regra de apagamento nas estruturas profundas (19) e (20), respectivamente, que eliminaria os elementos sonatas e this violin correferentes com

os sujeitos do predicado be difficult.

O segundo contra-argumento de Ross baseia-se na proposta de Perlmutter⁷ de que o verbo try requer uma restrição na estrutura profunda, para indicar que ele exige identidade entre seu sujeito profundo e o da sentença complemento. Para demonstrar esse fato, Ross aponta

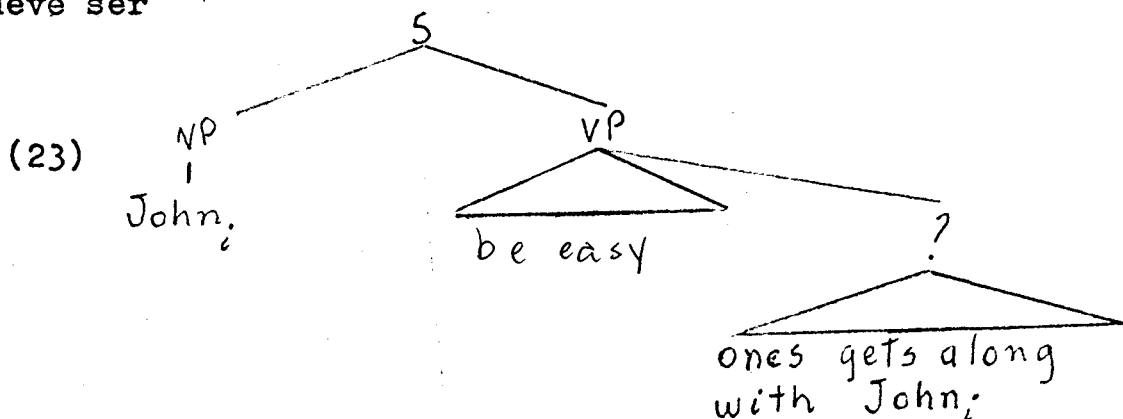
(21)* John tried (for) Bill to play whist

A sentença (21) contrasta com

(22) John tries to be easy to get along with.

Observe-se que em (21) o sujeito try é diferente do sujeito de play, ao passo que em (22) o sujeito de try deve ser idêntico ao de be easy.

Baseado nessa conclusão, Ross propõe que a estrutura profunda do complemento de try da sentença (22), que é o tipo de construção que nos interessa tratar, deve ser



Assim, o predicado be easy deve ter sujeito profundo John correferente com o sujeito profundo de try.

1.2.1. A análise de Lasnik e Fiengo (1973)

Lasnik e Fiengo (1973), em trabalho recente, apresentam argumentos em favor da existência de uma regra de apagamento, semelhante a regra sugerida por Ross (1967), na descrição dos predicados da classe tough.

Eles observam que uma gramática do inglês necessita, muito provavelmente, de uma regra obrigatória de apagamento do objeto. Essa regra teria, numa formulação aproximada, a seguinte forma:

(24)

$$\begin{array}{ccccccc}
 X & NP_i & & \left[\begin{array}{ccc} W & NP_i & Y \end{array} \right] & & Z & \\
 & & & NP & & NP & \\
 & & & AP & & & \\
 \\
 1 & 2 & & 3 & 4 & 5 & 6 \\
 1 & 2 & & 3 & \emptyset & 5 & \frac{6}{6} \longrightarrow
 \end{array}$$

Segundo Lasnik e Fiengo (1973), essa regra de apagamento do objeto seria requerida para dar conta de outros casos, antes do de predicados tough. Isto é, a regra de apagamento do objeto seria independentemente motivada.

Um primeiro caso seria o de sentenças em que ocorre um predicado adjetival be pretty como em

(25) Mary is pretty to look at

Em (25) argumentam eles, não poderia estar

envolvida uma regra opcional do tipo alçamento do objeto, pois (26), que seria um estágio anterior à aplicação da regra opcional, é agramatical.

(26)*It is pretty to look at Mary.

Assim, ter-se-ia de supor que (25) é derivada de uma base como (27) pela aplicação da regra de apagamento do objeto.

(27) Mary_i is pretty to look at Mary_i



Eles observam, ainda, que a regra de apagamento do objeto deve ser obrigatória, porque (28) também é agramatical.

(28)*Mary_i is pretty to look at her_i

Construções como too e enough são apontadas também como evidências para a existência de um processo de apagamento do objeto no inglês.

Primeiro, Lasnik e Fiengo mostram que too e enough requerem um complemento, utilizando sentenças como as em (29) e (30).

- (29) a. This mattress is thin
 b.* This mattress is thin to sleep on
 c. This mattress is too thin to sleep on.
- (30) a. The football is soft
 b.* The football is soft to kick
 c. The football is soft enough to kick.

A agramaticilidade das sentenças (29)b e (30)b indicaria que os complementos to sleep e to kick são complementos de too e enough e não dos adjetivos thin e soft, respectivamente.

Depois eles observam que

(31) a. as restrições de seleção no objeto do complemento são preenchidos pelo sujeito da sentença matriz (matress e football).

b. os verbos kick e sleep on requerem objetos, uma vez que *John slept on e *John kicked on são sentenças agramaticais, logo tem de haver objetos nas representações subjacentes desses verbos (matress e football).

1.2.2. Argumentos em favor da hipótese de apagamento

Lasnik e Fiengo (1973) apresentam os seguintes argumentos para indicar que os predicados da classe tough não podem ser descritos por uma regra do tipo alçamento do objeto.

Argumento do aspecto progressivo

O primeiro argumento baseia-se em construções com o aspecto progressivo, é desenvolvido da seguinte maneira.

Eles observam que foi dito que a sentença (32)c do paradigma abaixo é derivada pela regra de alçamento do objeto.

(32) a. To please John is easy.

b. It is easy to please John.

c. John is easy to please.

No entanto, continuam eles, sob uma hipótese de alçamento a derivação de uma sentença como (33), paralela a (32)c, seria problemática.

(33) *John is being easy to please.*

O ponto problemático é que a regra de alçamento é opcional, e teria de tornar-se obrigatória no caso da derivação de (33) uma vez que os estágios anteriores à aplicação da regra são agramaticais, como (34) indica.

(34) a.* To please John is being easy

b.* It is being easy to please John

Lasnik e Fiengo argumentam que nenhum problema surgiria se (33) for derivada de uma estrutura subjacente como (35), onde a regra de apagamento se aplicaria, eliminando a segunda ocorrência de John.

(35) John_i is being easy [to please John_i].



Argumento com verbo try

O segundo argumento baseia-se em sentenças com o verbo try como

(36) John tries to be easy to please

Eles lembram, novamente, que a regra de alçamento é opcional e que teria de tornar-se obrigatória nesse caso, pois os estágios anteriores à aplicação da regra são agramaticais.

(37)a.* John tries (for) to please $\left\{ \begin{array}{c} \text{John} \\ \text{him} \end{array} \right\}$ be easy.

b.* John tries (for) it to be easy to please $\left\{ \begin{array}{c} \text{John} \\ \text{him} \end{array} \right\}$.

Segundo eles, a derivação de (36) é feita de maneira direta no caso de se admitir uma estrutura subjacente como (38), onde se aplicaria a regra de apagamento do objeto, eliminando a segunda ocorrência de John.

(38) John_i tries to be $\left[\begin{array}{c} \text{to please John}_{i1} \\ \text{easy} \end{array} \right]$.

Argumento com indefinidos

O terceiro argumento apontado diz respeito a restrição de aplicação da regra de alçamento em elementos indefinidos⁸.

Assim, observam Lasnik e Fiengo, sob a hipótese de alçamento, uma restrição teria de ser colocada na regra de alçamento do objeto para impedir que sentenças como (40) sejam derivadas de estruturas imediatas como (39), em que o elemento a ser movido é um indefinido não-genérico.

(39) It would be easy to kill someone with a gun like that.

(40)*Someone would be easy to kill with a gun like that.

No entanto, argumentam eles, essa restrição so bre movimento de indefinidos não-genéricos não seria geral, porque someone pode ser movido para a posição de sujeito por transformações como passiva e raising, observem-se, por exemplo :

(41) a. Someone was arrested by the police.

(The police arrested someone)

b. Someone is certain to ask a stupid question.

(It is certain someone to ask a stupid question)

Segundo Lasnik e Fiengo, sob a hipótese de alça mento, não seria necessário apelar para uma restrição, específica no caso de predicados tough, para bloquear sentenças como (40). Note-se, observam eles, que essas sentenças seriam bloqueadas por um tipo de restrição de estrutura profunda requerida para impedir também sentenças como:

(42)a.* Someone is happy

b.* Someone was tall.

Isto é, não seria preciso colocar-se nenhuma restrição ao nível da regra mas utilizar uma restrição geral que proíbe indefinidos não-genéricos de serem sujeitos profundos de predicados adjetivais.

Logo, suponto-se uma estrutura profunda como

(43) Someone_i would be easy [to kill someone_i with a

gun like that]

onde se aplicaria a regra de apagamento do objeto, bloquearíamos a derivação de (40), pois essa estrutura (43) seria mal-formada, segundo a restrição de estrutura profunda citada anteriormente.

Lasnik e Fiengo mostram, ainda, que ao lado da restrição sobre movimentos de indefinidos não-genéricos, a hipótese de alçamento requer uma segunda restrição para que indefinidos genéricos possam ser movidos pela regra de alçamento do objeto, conforme os exemplos seguintes demonstram:

(44) a. It is hard to kill beavers

b. Beavers are hard to kill

(45) a. It is hard to kill a beaver

b. A beaver is hard to kill.

Aqui, novamente, Lasnik e Fiengo argumentam que sob a hipótese de apagamento sentenças como (44)b e (45)b seriam explicadas sem que fosse necessário estabelecer quaisquer restrições. Mostram eles que indefinidos genéricos podem ser sujeitos de predicados adjetivais em geral, como se pode ver em:

(46) a. Birds are noisy

b. Beavers are fat.

Consequentemente, a estrutura profunda de sentenças como (44)b e (45)b deve ser (47) e (48), respectivamente, onde se aplicaria a regra obrigatória de

apagamento do objeto eliminando beavers e a beaver.

(47) Beavers_i are hard [to kill beavers_i].

(48) A beaver_i is hard [to, kill a beaver_i].

Argumento da intencionalidade

O quarto argumento trata da noção de intencionalidade em sentenças tough, como se poderia observar em:

(49) John is intentionally easy to please.

Aqui, como em casos anteriores, a regra de alçamento, sendo opcional, teria de tornar-se obrigatória para derivar sentenças como (49), uma vez que os estágios anteriores a sua aplicação são agramaticais, como os exemplos em (50) demonstram:

(50)a.* To please John is intentionally easy.

b.* It is intentionally easy to please John.

Lasnik e Fiengo observam que, sob a hipótese de alçamento, sentenças tough como John is easy to please nunca podem ser agentivas, no entanto, sentenças como (49), que seriam produto da aplicação da regra de alçamento de objeto podem ser. Ora, argumentam eles, se uma gramática quer que noções como agentividade sejam captadas no nível mais profundo de representação, o fato de se poder ter sentenças claramente agentivas como (49), em que essa noção não pode estar lá, é um tipo forte de contra-argumento.

Dentro da análise de Lasnik e Fiengo, a leitura agentiva de sentenças como (49) segue-se naturalmente, uma vez que as sentenças tough como John is easy to please são sempre agentivas.

Assim, segundo eles, (49) deve ter (51) como representação subjacente, onde se aplicaria a regra o brigatória de apagamento do objeto, eliminando a segunda ocorrência de John.

(51) John_i is intentionally easy [to please John_i] .


Argumento com modais

O quinto argumento diz respeito a construções com modais. Eles apontam a seguinte sentença:

(52) John must be easy to please.

Segundo Lasnik e Fiengo (52) é ambígua, podendo apresentar uma interpretação root e uma interpretação epistêmica, como demonstram as paráfrases em (53) e (54), respectivamente.

(53) John is required to be easy to please

(54) One can conclude that John is easy to please.

Sob a hipótese de alçamento, a sentença (52) seria derivada de uma estrutura imediata como:

(55) It must be easy to please John

NOTAS

Seção 1

- 1- Além desses trabalhos, há ainda o de Bresnan, J. (1971), "Sentence Stress and Syntactic Transformations", Language 47, 257-281, e o de Berman, A. and M. Szamosi (1972), "Observations on Sentential Stress" Language 48, 304-325. Esses trabalhos não serão, no entanto, examinados aqui, porque, além de tratarem de pontos muito específicos do inglês, como é o caso do acento, não diferem essencialmente do trabalho de Postal, pelo menos no que nos interessa discutir no português.

- 2- Postal observa que a regra de alçamento do objeto opera, também, em uma classe de formas morfologicamente nominais, como por exemplo snap, breeze, bitch. Assim, em (ii) seria derivada por alçamento do objeto de (i)

(i) It is a breeze [to clean this house] .

(ii) This house is a breeze [to clean]

- 3- Postal e Ross (1971), em "Tough-movement Si, Tough-deletion No!", Linguistic Inquiry 2, 544-46, apresentam uma mudança quanto à estrutura profunda desse tipo de sentença, que não será relevante para a discussão.

- 4- Essa proposta não será incluída na discussão dos fatos do português. Algumas das sentenças do português, que seriam paralelas às sentenças relevantes da discussão de Ross, são pelo menos estranhas. Ob

servemos, assim, os exemplos (i) e (ii) paralelos às sentenças (16) e (18) respectivamente:

(i) ? Sambas são difíceis de tocar nesse violão.

(ii)* Esse violão é difícil de tocar samba (nele).

- 5- Klima, E.S. (1964). "Negations in English" in Fodor, J. and J. Katz. The Structure of Language : Readings in the Philosophy of Language. Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall.

- 6- Chomsky (1970), em "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation", (ver bibliografia), comenta as seguintes sentenças, paralelas as discutidas por Ross:

(i) The sonata is easy to play on this violin.

(ii) This violin is easy to play sonatas on.

Sobre elas, Chomsky observa que participam do mesmo sistema de relações gramaticais e são, em algum sentido, paráfrases. Apresentam, no entanto, ainda segundo ele, uma diferença no significado, na medida em que em (i) é feita uma afirmação sobre a sonata, e em (ii) sobre o violino.

Para Chomsky, essa diferença não deve ser usada para motivar estruturas profundas distintas.

Terminando por achar que essa conclusão, no caso, parece dúbia, Chomsky sugere que a relação topic e comment pode estar envolvida nos exemplos (i) e (ii).

- 7- Ross cita esse trabalho de Perlmutter, que seria sua tese de doutorado, quando esse ainda estava em

fase de preparação. Posteriormente a tese foi publicada em livro, sem mudança quanto à parte citada por Ross. Ver, então, Perlmutter, David (1971). Deep and Surface Structure Constraints in Grammar. Holt, Rinehart and Winston, Inc.

8- Postal (1971) já havia observado esse fato. Ver a seção 1.1.2. .

2.0. A classe difícil em português

Em português, existem predicados adjetivais do tipo ser difícil, ser fácil, ser duro, ser simples, ser impossível, paralelos aos predicados adjetivais do inglês be difficult, be easy, be tough, be simple, be impossible. Esses predicados adjetivais do português apresentam o mesmo comportamento sintático, observado na seção anterior, nos predicados adjetivais do inglês, como podemos constatar em:

(58) Ler esses livros é difícil.

(59) É difícil ler esses livros.

(60) Esses livros são difíceis de ler.

Vimos que há, na literatura gerativa transformacional, duas hipóteses principais de análise dos predicados da classe tough no inglês. Essas hipóteses serão transpostas para a classe de predicados difícil do português. Segundo o procedimento adotado para o inglês, elas serão chamadas de hipótese de alçamento do objeto e de hipótese de apagamento do objeto, e incluirão os mesmos trabalhos apresentados anteriormente.

Nessa seção, portanto, examinaremos como as hipóteses de alçamento e apagamento do objeto caracterizam os predicados adjetivais da classe difícil, assim como os principais argumentos apontados em favor dessas mesmas hipóteses.

2.1. A hipótese de alçamento do objeto

Sob a hipótese de alçamento, a descrição dos predicados adjetivais da classe difícil requer uma transformação opcional chamada alçamento do objeto.

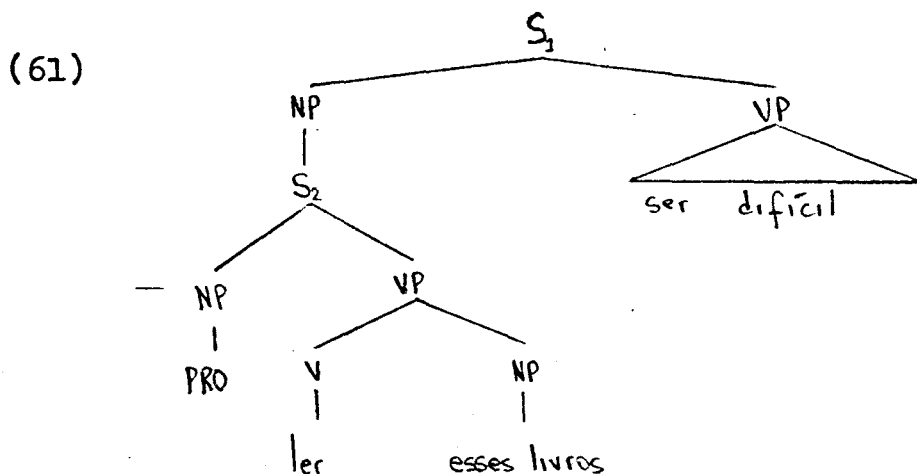
O ponto de partida dessa hipótese é a suposição de que sentenças como (58), (59) e (60) são sinônimas.

(58) Ler esses livros é difícil.

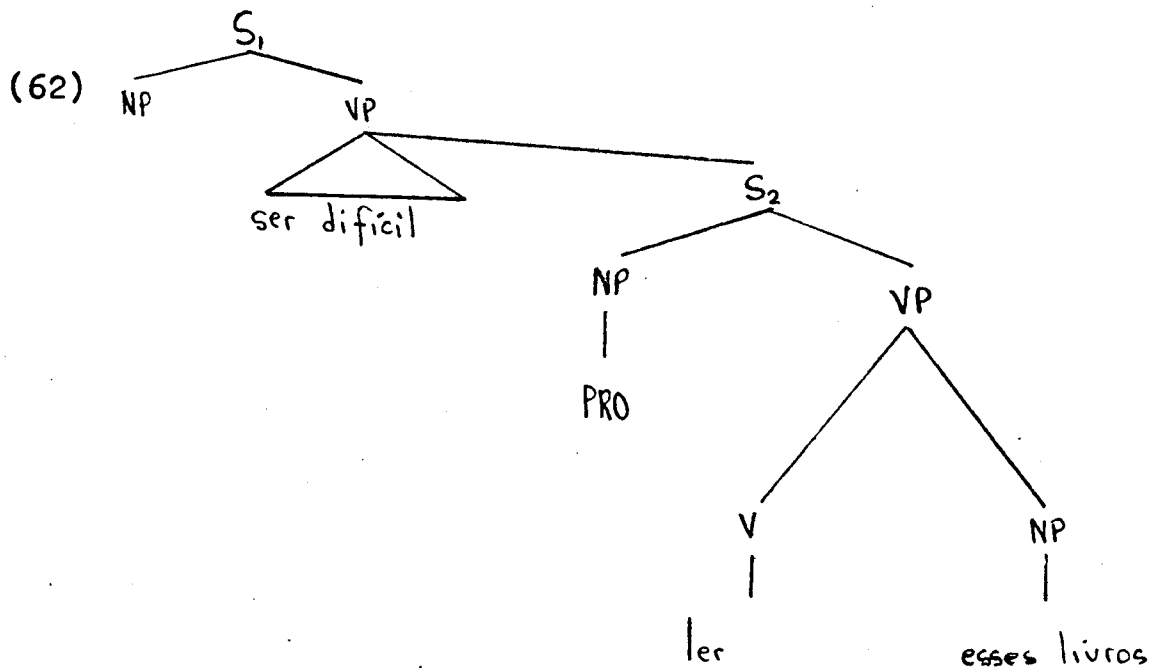
(59) É difícil ler esses livros.

(60) Esses livros são difíceis de ler.

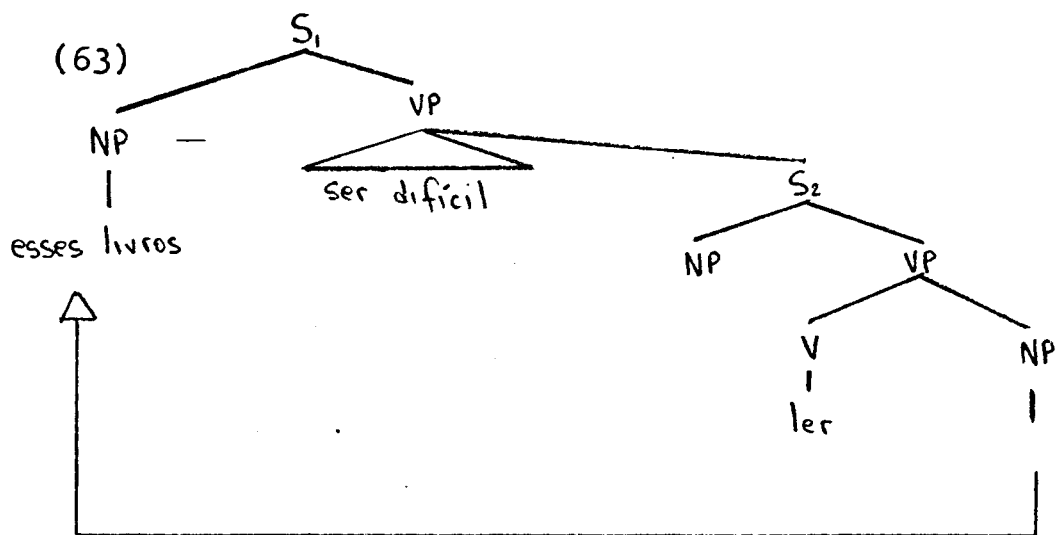
Subjacente a essa hipótese, está o princípio de que sentenças sinônimas devem ser derivadas da mesma estrutura profunda. Então, as sentenças (58), (59) e (60) têm uma estrutura profunda comum que pode essencialmente como



A derivação da sentença (58) a partir de (61) seria feita de uma maneira direta, não apresentando maiores problemas¹. A sentença (59) se derivaria pela aplicação da regra opcional (no caso) de extraposição. A regra de extraposição em (61), moveria o módulo S₂ PRO ler esses livros para depois do VP de S₁ ser difícil, e produziria uma estrutura derivada como



Sentenças como (60), segundo essa hipótese, se riam derivadas pela aplicação da regra opcional de al çamento do objeto numa estrutura derivada como (62). Essa regra moveria o NP esses livros para a posição de sujeito superficial do constituinte ser difícil, a proximadamente como indicado em



Sob a hipótese considerada aqui, portanto, de ve haver uma regra opcional que move um NP do complemento dos predicados da classe difícil para a posição

de sujeito superficial dos referidos predicados adjetivais.

Com referência aos fatos tratados aqui nessa seção, deve-se observar que sentenças como (59) apresentam também uma realização como (64):

(59) É difícil ler esses livros.

(64) É difícil de ler esses livros.

Isto é, a presença do complementizador de parece ser opcional na estrutura em que se aplicou a regra de extraposição.

No entanto, a presença do complementizador de é obrigatória na estrutura em que se aplicou a regra de alçamento do objeto, note-se que (60) contrasta com (65) :

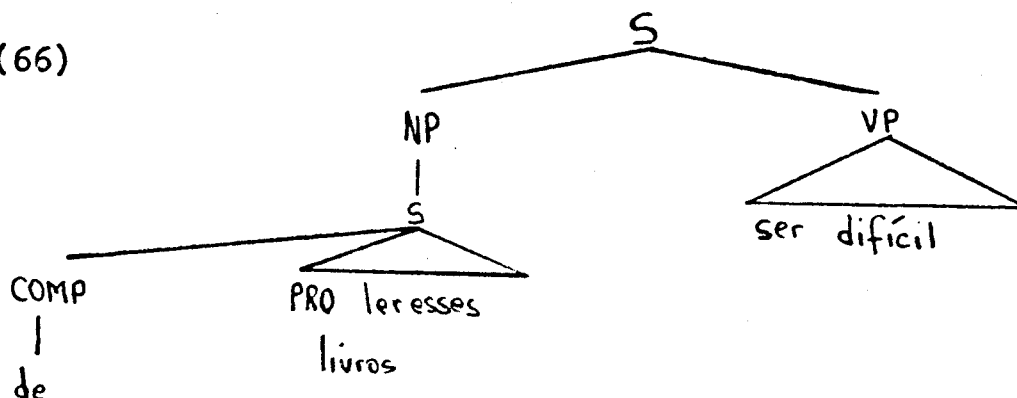
(60) Esses livros são difíceis de ler.

(65)* Esses livros são difíceis ler.

Quanto a análise de complementizadores, há duas alternativas que são: uma de que os complementizados estão na estrutura profunda e a outra de que eles são inseridos transformacionalmente. Vai-se assumir, aqui, que os complementizadores estão na estrutura profunda, seguindo a proposta de Bresnan (1970)².

Então, a estrutura profunda das sentenças (58), (59) e (60), em vez de (61), seria mais ou menos (omitidos vários detalhes não relevantes) :

(66)



Haveria, além disso, uma regra de apagamento de complementizador, obedecendo às seguintes condições:

- (67) a. o complementizador de seria apagado obrigatoriamente quando a sentença complemento não for movida.
- b. o complementizador de seria opcionalmente a pagado quando a sentença complemento for extraposta.
- c. o complementizador de não poderia ser apagado quando se aplicar a regra de alçamento do objeto.

Assim, a condição (67)a. explicaria a derivação da sentença (58) em que o complementizador não pode estar presente; as condições (67)b. explicaria a derivação de (59) e (64); a condição (67)c. explicaria a derivação de (60) e o bloqueio de (65).

2.1.1. Argumentos em favor de alçamento do objeto.

Nessa seção, iremos examinar os principais argumentos dados em favor da hipótese de alçamento para a descrição dos predicados adjetivais da classe difícil, paralelamente ao que foi feito em relação aos predicados tough do inglês.

Segundo a hipótese de alçamento, a regra de alçamento do objeto permite relacionar sentenças como :

- (58) Ler esses livros é difícil.
- (59) É difícil ler esses livros.
- (60) Esses livros são difíceis de ler.

Então, um primeiro argumento em favor da regra de alçamento seria a possibilidade de tornar explícita uma relação possível de sinonímia entre as sentenças referidas acima, atribuindo a elas uma estrutura profunda comum.

Outro argumento a ser testado aqui, é o baseado nas restrições seletivas. Esse argumento, em português, seria o seguinte.

Considere-se, inicialmente, que certos verbos transitivos, como ler, por exemplo, requerem restrições quanto ao que pode ser seu objeto:

- (68) João leu o livro.
- (69)* João leu o tatu.

Logo, o verbo transitivo ler pode ocorrer com objetos como o livro mas não como o tatu.

Consideremos, agora, sentenças como:

(70) O livro é fácil de ler.

(71)* O tatu é fácil de ler.

As sentenças acima aparentemente indicariam que o predicado ser fácil concorre com NPs como o livro mas não como o tatu na posição de sujeito. Caso assumamos que realmente os NPs o livro e o tatu são sujeitos profundos do predicado ser fácil nas sentenças (70) e (71) será necessário mencionar na gramática do português a restrição de que esses predicados podem ocorrer com um NP (o livro) mas não com o outro (o tatu) além de referirmos também ao fato de que o verbo ler concorre com objetos como livro e não como tatu. Em termos de economia descritiva, o fato apontado acima significaria uma perda de generalização. Observa-se que existe uma relação entre o que pode ser objeto do verbo ler e o que pode ser sujeito do predicado ser fácil. Essa generalização seria captada, segundo a hipótese de alçamento, caso se assumisse que o livro e o tatu são sujeitos derivados do predicado ser fácil. Então a gramática do português só mencionaria a restrição seletional quanto ao que pode ser objeto do verbo ler.

Seguir-se-ia daí que a restrição quanto ao que pode ser sujeito de ser fácil seria uma consequência natural da suposição de que os NPs livro e tatu são apenas sujeitos superficiais, derivados pela aplicação da regra de alçamento do objeto.

Isto é, (70) é uma sentença gramatical do português porque o NP livro, movido pela aplicação da regra de alçamento do objeto, pode ocorrer como objeto

de ler e portanto também como sujeito de ser fácil. E a sentença (71) é uma sentença agramatical do português porque o NP tatu, movido pela aplicação da regra de alçamento do objeto, não pode ocorrer como objeto de ler e portanto não pode aparecer na posição de sujeito derivado do predicado ser fácil.

2.1.2. Condições sobre a regra de alçamento do objeto

Segundo a hipótese de alçamento, a regra de alçamento do objeto moveria algum NP da sentença complemento para a posição de sujeito superficial dos predicados adjetivais da classe difícil. Nessa seção, veremos que a regra de alçamento do objeto, paralelamente ao que foi apontado para o inglês, poderia mover certos NPs mas estaria sujeita a certas restrições quanto ao movimento de outros NPs.

Assim, consideremos inicialmente que a regra de alçamento do objeto parece produzir sempre resultados gramaticais quando se aplica a NPs que são objetos diretos nas representações subjacentes. Observe - mos os seguintes exemplos, em que as sentenças sofreram a aplicação da regra:

(72)a. Essas revistas são duras [de ler]



b. Esses trabalhos são impossíveis [de traduzir]



Ao que parece, o objeto direto seria um tipo de complemento verbal em que aplicaria a regra de alçamento do objeto sem problemas. Mas, paralelo ao que

foi observado no inglês, a regra de alçamento não poderá mover NPs objetos indefinidos. Note-se que, nos exemplos abaixo, a regra de alçamento ao mover os NPs alguém³ e umas crianças produz resultado agramatical.

(73)a. É difícil [de encontrar alguém na rua]

b.* Alguém é difícil [de encontrar na rua]



(74)a. Será fácil [de encontrarr umas crianças na rua]

b.* Umas crianças serão fáceis [de encontrar na rua]



Logo, os fatos do português parecem sugerir tam bém uma restrição na regra de alçamento de modo a impe dir que ela se aplique em NPs indefinidos não-genéricos como alguém e umas crianças, bloqueando dessa maneira a derivação de sentenças como (73)b e (74)b.

Ainda, paralelamente ao inglês, certos indefinidos, os genéricos, podem ser movidos pela regra de alçamento do objeto, como se pode observar nos exemplos:

(75)a. É difícil [de estacionar carros no centro]

b. Carros são difíceis [de estacionar no centro]



Então, os fatos do português parecem sugerir também que, ao lado da restrição para proibir o movimento de indefinidos não-genéricos, deve haver uma ou tra restrição para permitir que indefinidos genéricos possam sofrer a aplicação da regra de alçamento do ob jeto.

Consideremos, agora, outros tipos de complementos verbais⁴, em que a aplicação da regra de alçamento do objeto produz resultados agramaticais.

O primeiro caso seria o objeto indireto, com complemento de verbos como dar, oferecer, entregar, que podem também ser acompanhados de objeto direto. Note-se que o objeto indireto às crianças não pode ser movido por alçamento no exemplo :

(76)a. É difícil dar certos presentes às crianças

b.*As crianças são difíceis de dar certos presentes $\left\{ \begin{array}{l} a \\ a\text{ elas} \end{array} \right\}$

No entanto, a aplicação da regra de alçamento no NP objeto direto certos presentes produz resultado gramatical:

(77) Certos presentes são difíceis de dar às crianças.

A regra de alçamento não se aplica no complemento relativo de verbos como precisar(de), assistir(a), gostar(de). Observem-se os exemplos:

(78)

a.É difícil assistir a certos filmes nessa cidade.

b.*Certos filmes são difíceis de assistir $\left(\begin{array}{l} a \\ a\text{ eles} \end{array} \right)$ nessa cidade

A regra de alçamento não se aplica, também, nos complementos circunstanciais de verbos como ir, morar, como se pode ver em

(79)

a. É fácil ir aos estados do nordesteb.* Os estados do nordeste são fáceis de ir $\left\{ \begin{array}{c} a \\ a \text{ eles} \end{array} \right\}$

Ao que parece, a regra de alçamento não se aplicaria no NP de frases preposicionadas que são complementos verbais. Além desse caso, ela não vai-se aplicar também em elementos de pictures nouns (termo tomado de Ross(1967)). Assim, os exemplos abaixo indicam que não podemos mover por alçamento elementos como boa vontade, ter pena, respectivamente, como se pode ver em:

(80)a. É difícil ter boa vontade com vizinhosb.* Boa vontade é difícil de ter com vizinhos(81)a. É fácil ter pena dos pobres.b.* Pena é fácil de ter dos pobres.

2.1.3. Alçamento do objeto : sumário

Diante dos fatos discutidos sobre a hipótese de alçamento do objeto, podemos resumir os seguintes pontos principais.

Primeiro, os argumentos baseados na sinonímia entre sentenças como (58), (59) e (60) e nas restrições seletivas tornariam plausível a hipótese de que há uma regra de alçamento do objeto que move o NP objeto de um verbo do complemento de um predicado adjeti-

val da classe difícil para a posição de sujeito desse predicado.

Depois, foi visto que a regra de alçamento só pode mover NPs que são objetos diretos. Ao lado deste fato, observou-se também que a regra está sujeita a certas condições porque só é aplicável em NPs objetos de forma definida ou em NPs objetos indefinidos genéricos. E ainda, foi possível constatar que a regra não retira NPs de dentro de frases preposicionadas nem move elementos de picture nouns.

2.2. A hipótese de apagamento do objeto

Sob a hipótese de apagamento do objeto, sentenças como

(60) Esses livros são difíceis de ler

devem ter uma estrutura profunda mais ou menos como

(82) Esses livros_i são difíceis [de ler esses livros_i]

de onde elas seriam derivadas pela aplicação de uma regra de apagamento do objeto. Tal regra eliminaria o NP esses livros, objeto de ler, por correferência com o NP esses livros sujeito de ser difícil. A regra de apagamento do objeto seria obrigatória no português, paralelamente ao que se observou no inglês, pois sentenças como (83), onde ela não teria sido aplicada, são agramaticais.

(83)* Esses livros são difíceis de ler $\left[\begin{array}{c} \text{esses livros} \\ \text{-los} \end{array} \right]$

Assim, sob essa hipótese, haveria uma regra obrigatória⁵ de apagamento do objeto complemento sob condição de identidade com o sujeito dos predicados adjetivais da classe difícil.

Os predicados adjetivais da classe difícil devem ter sujeitos representados ao nível da estrutura profunda. O que se segue daí é que as construções com predicados adjetivais da classe difícil como (60) serão paralelos a construções com predicados adjetivais como (84), em algum sentido.

(60) Esses livros são difíceis de ler

(84) Esses livros são interessantes.

Isto é, não haverá nenhum procedimento sintático particular envolvendo os predicados difícil no que se refere a relação sujeito - cópula- adjetivo⁶. Por exemplo, comparem-se: Esse livro é interessante/Esse livro é difícil, em que na primeira parece haver referência a um contexto verbal.

A propósito do tipo de complemento dos predicados da classe difícil, Lasnik e Fiengo (1973) observaram que esse complemento teria a forma de frase verbal (VP)⁷. Então, seguindo-se a proposta feita para o inglês, a estrutura profunda de sentenças como (60) teria essencialmente a representação :

(85) Esses livros_i são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{de ler esses livros}_i \\ \text{VP} \end{array} \right]$ VP

No entanto, no português, contrariamente, aos fatos do inglês, é possível se ter sentenças em que ocorre passiva no complemento de predicado difícil. Considere-se assim:

- (86)a. Esses livros são difíceis de ser lidos
b. Esses livros são difíceis de se ler.

As sentenças em (86) são paralelas a (60), dela diferindo pela ocorrência de passiva no complemento.

Além da possibilidade de passiva no complemento dos predicados difícil, pode-se ter complemento como sujeito especificado como

- (87) Esses livros são difíceis da gente ler

Então, têm-se, em português, pelo menos duas evidências de que o complemento dos predicados difícil deva ser sentencial, e não frase verbal como proposto no inglês.

A partir daí, sentenças como (60), em lugar de (85), devem ter (88) como representação aproximada de estrutura profunda.

- (88) Esses livros_i são difíceis [de PRO ler esses livros_i]
S S

A sentença (60) seria derivada pela aplicação da regra de apagamento do objeto, que eliminaria a segunda ocorrência de esses livros, objeto de ler, coreferente com esses livros, sujeito de ser difícil.

2.2.1. Argumentos em favor da hipótese de apagamento

Nessa seção, examinaremos os principais argumentos em favor da hipótese de apagamento para os predicados da classe difícil. Veremos como esses argumentos contruídos com base nos dados do inglês, se comportam diante de fatos do português. Alguns argumentos não são, pelo menos, claros no português. Então, ao lado da apresentação desses, serão acrescentados algumas observações, que, embora reconhecidamente precárias, representam um ponto de discussão.

O argumento do aspecto progressivo

Lasnik e Fiengo apontaram que a regra opcional de alçamento do objeto teria de tornar-se obrigatória para derivar sentenças que contém aspecto progressivo, pois os estágios anteriores a sua aplicação são agramaticais.

Ao contrário do inglês, sentenças do português que contém aspecto como

(89) Esses livros estão sendo fáceis de ler.

poderiam ser derivadas normalmente por alçamento do objeto. Isto é, sem que seja necessário alterar o caráter opcional da regra, pois os estágios anteriores a sua aplicação, como mostrado em (90) são gramaticais.

(90) a. Ler esses livros está sendo fácil.

b. Está sendo fácil ler esses livros.

Como se pode observar, o argumento baseado no aspecto progressivo não apresenta, no português, nenhuma evidência em favor da hipótese de apagamento, como acontece no inglês.

O argumento com o verbo tentar

Nesse argumento, Lasnik e Fiengo discutem o mesmo ponto do argumento anterior: a regra opcional deve tornar-se obrigatória para derivar sentenças em que o corre o verbo try.

Consideremos a seguinte sentença do português (91), paralela à sentença (36) do inglês.

(91) João tentou ser fácil de convencer.

Como no inglês, caso supusermos que (91) se deriva de uma base como

(92) João tentou $\left[\begin{array}{c} \left[\text{convencer João} \right] \\ \text{S NP} \end{array} \right] \text{ ser fácil } \left[\begin{array}{c} \\ \text{NP S} \end{array} \right]$

constataremos também que os estágios anteriores à aplicação da regra opcional de alçamento do objeto, indicados em (93), são agramaticais.

(93)

a. *João tentou (que) convencer $\left[\begin{array}{c} \text{João} \\ -\text{lo} \end{array} \right]$ seja fácil

b. *João tentou (que) seja fácil convencer $\left[\begin{array}{c} \text{João} \\ -\text{lo} \end{array} \right]$

Logo, em vez de apelar para algum tipo de restrição que funcionasse apenas no caso de sentenças com o verbo tentar, pareceria melhor se supor que sentenças como (91) se derivariam de uma base como (93), onde se aplicaria a regra obrigatória de apagamento do objeto:

(94) João_i tentou [ser fácil [de convencer João_i]]
 $\Downarrow$
 $\emptyset$

O argumento em questão poderia manter-se. No entanto, sentenças como (91) parecem apresentar um problema de interpretação semântica relacionado à cons - trução do verbo tentar mais predicado ser fácil. Essa observação surgiu quando se considerou sentenças como

(95) João tentou ser gentil

Se observarmos a relação que se estabelece entre tentar e ser gentil, vemos que o sujeito João parece ter a função de experimentador que possui domínio absoluto sobre a atitude de ser gentil. Em (95), o verbo tentar parece possuir a acepção de fazer tentativa de, e o seu sujeito estaria envolvido de forma conseqüente na atitude de ser gentil.

No caso de sentenças como (91), o verbo tentar parece ter outro sentido que não o percebido em sentenças como (95). A relação que se estabelece entre tentar e ser fácil é um pouco diferente, pois a própria atitude de ser fácil de parece não ser de controle do sujeito João. Logo, o fato de João tentar ser fácil de sugere mais de uma atitude simular e não pro

priamente de empenho na atitude de ser fácil de.

Embora o que foi observado acima não represente nada de conclusivo a respeito de um possível contra-argumento ao que colocado por Lasnik e Fiengo, podemos ver nisso uma indicação de que é necessário investigar mais fatos para analisar esse tipo de construção com o verbo tentar.

O argumento da intencionalidade

Como nos casos anteriores, Lasnik e Fiengo argumentaram que a derivação de sentenças com a expressão intentionally requereriam que a regra opcional de alçamento se tornasse obrigatória.

Examinemos a sentença (96) do português, paralela à sentença (49) do inglês.

(96) Orientadores são intencionalmente difíceis de convencer.

Aqui, como no inglês, os estágios anteriores à aplicação da regra opcional de alçamento do objeto são agramaticais:

- (97)a.* É intencionalmente difícil convencer orientadores.
- b.* Convencer orientadores é intencionalmente difícil.

Logo, a regra opcional de alçamento deve tornar-se obrigatória para derivar sentenças como (96).

Sob a hipótese de apagamento, a derivação de sentenças como (96) seria feita sem problemas, a par-

tir de uma base como (98), onde se aplicaria a regra de apagamento do objeto.

(98) Orientadores_i são intencionalmente difíceis [de con
vencer orientadores_i]



Esse argumento poderia manter-se, como no inglês. Mas, parece haver alguns problemas relativos à interpretação semântica de sentenças como (96). A percepção desses problemas surgiu da observação do comportamento do advérbio intencionalmente, em outros predicados adjetivais, que não os da classe difícil.

Observemos, inicialmente, o comportamento de predicados adjetivais, como os indicados em (99), combinados com o advérbio intencionalmente.

(99)a. Eles foram intencionalmente teimosos.

b. Eles foram intencionalmente mal educados.

Sentenças como as indicadas em (99) ao serem parafraseadas pela expressão ter a intenção de, como mostrado em (100), não manifestam qualquer alteração na sua interpretação semântica.

(100)a. Eles tiveram a intenção de ser teimosos.

b. Eles tiveram a intenção de ser mal educados.

Há ainda certos predicados adjetivais que se tornam semânticamente anômalos quando ocorrem com o advérbio intencionalmente:

(101)a.* Eles são intencionalmente altos.

b.* Eles são intencionalmente baixos.

Existe, porém, uma classe de predicados adjetivais que apresenta um comportamento diverso dos predicados apontados anteriormente, quando ocorrem com o advérbio intencionalmente.

(102)a. Eles foram intencionalmente tristes.

b. Eles foram intencionalmente tranquilos.

Quando parafraseamos as sentenças em (102), como mostrado em (103), parece ficar claro que o advérbio intencionalmente contém um sentido diverso do que aparece em (99) e (101).

(103)a. Eles tiveram a intenção de ser tristes.

b. Eles tiveram a intenção de ser tranquilos.

Em sentenças como (102), o advérbio intencionalmente parece atribuir um sentido desviante à construção com os predicados adjetivais, aparecendo assim uma significação derivada (qualquer coisa como fingir ser triste, fingir ser tranquilo).

A partir daí, podemos discutir o seguinte ponto. Se admitirmos que a noção de intencionalidade, representada no caso pelo advérbio intencionalmente, pode estar associada à estrutura profunda da sentença como (99), daí elas serem gramaticais, e não pode estar associada à estrutura profunda de sentenças como (101), daí elas serem anômalas, percebemos que essa noção de

ve ser encarada diferentemente no caso de sentenças como (102). Então se supusermos que a noção de intencionalidade está associada à estrutura profunda de sentenças como (102) ela deve ter uma acepção bem diversa da que ocorre em (99) e (101).

Logo, se se quer tratar a noção de intencionalidade sob uma mesma perspectiva, talvez não se possa representá-la na estrutura profunda de sentenças como (102).

O comportamento dos predicados adjetivais da classe difícil ao ocorrer com o advérbio intencionalmente parece se identificar com o de predicados apresentados em (102). Isto é, o advérbio intencionalmente também atribuiria ao predicado um sentido derivada da noção de intencionalidade. Retomemos então a sentença (96) e observemos sua paráfrase em (104) :

(96) Orientadores são intencionalmente difíceis de convencer

(104) Orientadores têm a intenção de ser difíceis de convencer.

Se o que foi observado a respeito de sentenças como (102) vale também para sentenças como (96), vai-se seguir que um certo tipo de noção de intencionalidade não deverá estar associada à estrutura profunda desse último tipo de sentenças. Ou seja, os predicados da classe difícil não ocorrem com a noção de intencionalidade.

Diante desse fato, possivelmente a derivação de sentenças como (96) requer outro tipo de explicação e representaria uma outra ordem de problemas que não somente a apontada por Lasnik e Fiengo.

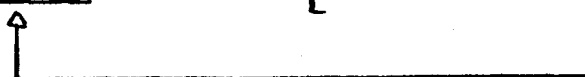
O argumento com indefinidos

Nesse argumento, Lasnik e Fiengo observam que, no inglês, a regra de alçamento do objeto estaria sujeita a duas restrições: uma para proibir que indefinidos não-genéricos sejam movidos e outra para permitir que indefinidos genéricos possam.

Em português, a regra de alçamento estaria sujeita às mesmas condições observadas para o inglês. Cu seja, indefinidos não-genéricos não podem ser movidos por alçamento como se pode ver em:

(73) a. É difícil [de encontrar alguém na rua]

b.* Alguém é difícil [de encontrar na rua]



(74)a. Será fácil [de encontrar umas crianças na rua]

b.* Umas crianças serão ~~difíceis~~ [de encontrar na rua]



e indefinidos genéricos podem ser movidos, como os exemplos abaixo atestam:

(75)a. É difícil [de estacionar carros no centro]

b. Carros são difíceis [de estacionar no centro]



Lasnik e Fiengo (1973) argumentam que a restrição envolvendo movimento de indefinidos não seria geral no inglês. No português, também se verificaria esse fato, porque indefinidos não-genéricos podem ser movidos por transformações como passiva, como mostra-

do em

(104)a. A polícia prendeu alguém

b. Alguém foi preso pela polícia

Dentro da hipótese de apagamento, o fato descrito com condição na regra de alçamento, é explicado, segundo Lasnik e Fiengo, por uma condição na estrutura profunda que proibiria certos indefinidos serem sujeitos de predicados adjetivais. Assim, também, em português, poderíamos supor que, em vez de uma regra envolvendo restrições, seria possível explicar a agramaticalidade de sentenças como (73)b e (74)b pela mesma restrição que impede sentenças como:

(105)a.* Alguém é alto.

b.* Alguém é feliz.

Eles observam ainda que o fato descrito por uma segunda restrição na regra de alçamento do objeto para permitir o movimento de indefinidos genéricos seria explicado pela possibilidade de esses indefinidos ocorrerem, em geral, como sujeitos de predicados adjetivais, como nos exemplos:

(106)a. Crianças são barulhentas.

b. Carros são úteis.

Com base nos fatos acima, poderíamos supor também que sentenças como (73)b e (74)b que seriam deriváveis de uma base como (107) e (108), respectivamente:

(107) Alguém_i é difícil [de encontrar alguém_i na rua]

(108) Umas crianças_i serão difíceis [de encontrar umas crianças_i na rua]

seriam bloqueadas pela restrição na estrutura profunda que proibiria a ocorrência, em português, de indefinidos não-genéricos como sujeitos de predicados adjetivais. Poderíamos, ainda, supor que sentenças como (75)b seriam derivadas de uma base como (109), onde se aplicaria a regra obrigatória de apagamento do objeto:

(109) Carros_i são difíceis [de estacionar carros_i no centro]



Sentenças como (75)b, que sob a outra hipótese seriam derivadas por meio de condição na regra, seriam explicadas, também no português, pelo fato de que indefinidos genéricos podem ser sujeitos de predicados adjetivais.

Argumento com modais

Lasnik e Fiengo argumentam que a ambiguidade e xistente em sentenças tough , que contém modais, não tem explicação conveniente sob a hipótese de alçamento.

Para seguir o argumento discutido no inglês, consideremos a seguinte sentença do português:

(110) Orientadores devem ser difíceis de convencer

A sentença (110), que é paralela à sentença (52) do inglês, é ambígua, apresentando as mesmas interpretações apontadas para esse tipo de sentenças inglesas. Assim, (110) apresenta as duas interpretações root e epistêmica, indicadas nas parafrases em (111)a e (111)b, respectivamente:

- (111)a. Orientadores têm o dever de ser difíceis de convencer
 b. Pelo que sei a respeito deles, orientadores são pessoas difíceis de convencer.

Aqui, também, se supusermos, com a hipótese de alçamento, que sentenças como (110) são derivadas de uma estrutura mais imediata como

(112) Deve ser difícil convencer orientadores

teremos os mesmos problemas apontados para os fatos do inglês. Isto é, a estrutura (112), de onde (110) deve ser derivada pela aplicação da regra de alçamento do objeto, só apresenta a interpretação epistêmica, indicada em (111)b, logo a interpretação root presente no output da regra fica sem explicação.

Ao que parece, os fatos apontados acima representam um contra-argumento à hipótese de alçamento. A partir daí, poderíamos supor que sentenças com predicados difícil, envolvendo modais, como (110), por não terem explicação satisfatória sob a hipótese de alçamento, seriam derivadas de uma base como (113), onde se aplicaria a regra obrigatória de apagamento do objeto:

(113) Orientadores_i devem ser difíceis [de convencer orientadores

⇓
Ø

A ambiguidade de sentenças como (110), sob a hipótese de apagamento, seria explicada pelo fato de que sentenças com outros predicados adjetivais envolvendo modais seriam sempre ambíguas como os exemplos abaixo indicam:

(114)a. Crianças devem ser delicadas.

b. Professores devem ser eficientes.

Então, o fato problemático para a hipótese seria explicado diretamente por propriedade geral dos modais pela hipótese de apagamento.

2.2.2. Apagamento do objeto: sumário

Diante dos fatos discutidos sobre a hipótese de apagamento, podemos resumir os seguintes pontos principais.

Primeiro, os predicados da classe difícil ocorrem em esquemas sintáticos com sujeito representado ao nível da estrutura profunda, onde se aplicaria a regra obrigatória de apagamento do objeto. A regra de apagamento do objeto teria aproximadamente a forma:

(115)

NP _i	Cop	Adj	[de S	NP	V	NP _i] S	
1	2	3	4	5	6	7	⇒
1	2	3	4	5	6	∅	

Segundo, foram apresentados argumentos em favor da hipótese de que sentenças como

(60) Esses livros são difíceis de ler

sejam descritas por uma regra tipo apagamento do objeto e não por uma regra de alçamento do objeto. O argumento baseado no aspecto progressivo, contrariamente ao inglês, não tem valor decisivo. Os argumentos baseados em sentenças com o verbo tentar e em sentenças com o advérbio intencionalmente funcionam caso se aceitem, sem restrições, as sentenças básicas da argumentação. O argumento baseado em indefinidos aponta uma contradição na regra de alçamento. O argumento com modais parece ser o que levantaria o problema mais sério para a hipótese de alçamento (esses dois últimos argumentos serão rediscutidos na seção que se segue).

Vale ainda observar que, sob a hipótese de apagamento, não é discutido a relação semântica entre sentenças como (58), (59) e (60). Esse fato, ainda, será discutido na seção seguinte.

NOTAS

Seção 2

- 1- A forma PRO seria eliminada por uma regra de apagamento de PRO, que deve existir na gramática.
- 2- Bresnan, J. (1970). "On Complementizers: Toward a Syntactic Theory of Complement Types". Foundations of Language 6, 297-321.
- 3- Observem-se, porém, as seguintes sentenças:
 - (i) Será difícil encontrar alguém com essas características
 - (ii) Alguém com essas características será difícil de encontrar
 - (iii)* Alguém será difícil de encontrar com essas características.

Como se pode ver, a aplicação da regra de alçamento no objeto direto de encontrar, em (i), produz resultado gramatical que é (ii). A gramaticalidade de (ii) deve possivelmente ser atribuída ao fato de o indefinido alguém estar seguido de um constituente que o torna de alguma forma definido. Note-se, ainda, que alguém mais com essas características formam um único constituente, uma vez que (iii) é agramatical.

- 4- Os termos objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, complemento circunstancial foram retirados de gramáticas normativas, como por exemplo: Rocha Lima, Carlos H. (1972). Gramática Normativa da Língua Portuguesa - 15a. edição, J.Olympio, Rio de Janeiro.
- 5- Lasnik e Fiengo apresentam motivação independente para a regra de apagamento do objeto no inglês (ver

1.2.1.). No entanto, no português, não consegui encontrar fatos paralelos aos apontados por eles. Observe-se, assim, as sentenças do português junta - mente com as sentenças do inglês:

(25) Mary is pretty to lok at

(i)? Maria é bonita $\left[\begin{array}{c} \text{de} \\ \text{para} \end{array} \right]$ olhar

(29)c. This mattress is too thin to sleep on.

(ii)? Este colchão é muito fino para dormir (nele)
ou ainda:

(iii)? Essa árvore $\left[\begin{array}{c} \text{é} \\ \text{está} \end{array} \right]$ muito fina para cortar

Além disso, não me foi possível descobrir algum processo sintático do português que envolvesse um processo de apagamento do objeto.

Como consequência, adotei o procedimento de testar a hipótese de apagamento sem considerar esse aspecto. Se ela se revelasse adequada em lugar de outra hipótese seria o caso de se perguntar se a motivação independente seria o ponto mais relevante.

- 6- Ver: Sahade, Summaia (1972). Classes Sintáticas do Adjetivo em Português. Um Estudo Transformacional. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa Unificado de Pós-Graduação em Linguística. Rio de Janeiro.
- 7- Lasnik e Fiengo apresentam evidências de que os complementos, onde se aplica a regra de apagamento do objeto, é um VP. Por exemplo, não poder ocorrer pass

siva e there-insertion em certos complementos de too e enough. Eles argumentam que Bresnan, J. (1971), em "Sentence Stress and Syntactic Transformations". Language 47, 257-281, demonstrou que a classe tough de predicados manifestam essas mesmas propriedades.

3. A classe difícil: apagamento x movimento

Na seção anterior, foram examinadas as hipóteses de alçamento do objeto e apagamento do objeto à luz dos fatos do português. Como foi possível observar, essas hipóteses representam alternativas concorrentes para a descrição de predicados adjetivais da classe difícil. Foram vistos, também, os argumentos que cada hipótese apresenta em seu favor. Nesse ponto da apresentação do trabalho, tentaremos, primeiro, sistematizar alguns problemas teóricos surgidos da comparação entre as duas hipóteses, depois rever alguns argumentos apontados pela hipótese de apagamento, e em seguida, apresentar outros fatos que parecem revelar aspectos novos envolvidos na classe difícil de predicados adjetivais.

3.1. Problemas teóricos

Ao compararmos as duas hipóteses de apagamento e de alçamento do objeto, percebemos que há alguns pontos que devem ser levados em conta. Essa duas hipóteses se enquadram dentro da gramática gerativa transformacional, mas, ao lado disso, deve ser notado que certos princípios teóricos são tratados distintivamente por elas. Essa diferença de tratamento parece ter implicações empíricas distintas também.

Consideremos, pois, o tratamento da sinonímia.

A hipótese de alçamento aponta que sentenças como (58), (59) e (60) são sentenças sinônimas.

- (58) Ler esses livros é difícil.
 (59) É difícil ler esses livros.
 (60) Esses livros são difíceis de ler.

Com base nesse fato, a hipótese de alçamento considera que uma gramática descritivamente adequada deve incorporar um mecanismo que relacione tais sentenças. O mecanismo sugerido é a proposta de que sentenças como (58), (59) e (60) sejam deriváveis de uma mesma estrutura profunda, e certas transformações que permitam derivá-las a partir daí.

Observando-se a proposta de análise de sentenças como (60) sob a hipótese de apagamento, em que não se discute qualquer ligação com (58) e (59), parece seguir-se que qualquer relação possível de sinonímia entre tais sentenças não será explicada da mesma maneira. Isto é, a sinonímia não seria explicada através de uma estrutura profunda comum para (58), (59) e (60), mas possivelmente através de outros mecanismos¹. Foram apresentados contra-argumentos sintáticos à proposta de que tais sentenças sejam deriváveis de uma estrutura profunda comum. Esses contra-argumentos sintáticos, ao demonstrarem a impossibilidade de usar a noção de estrutura profunda comum para derivar sentenças como (58), (59) e (60), parecem indicar que a questão da relação semântica deve ser considerada de modo diferente do tratado pela hipótese de alçamento.

A hipótese de alçamento argumenta em seu favor baseada na restrição seletional. Isto é, sob a hipótese de alçamento, que supõe que em sentenças como

- (60) Esses livros são difíceis de ler

o NP esses livros é um sujeito derivado do predicado ser difícil, na verdade um objeto de ler movido pela regra de alçamento para essa posição, ganha-se a generalização de mencionar a restrição seletional apenas quanto ao objeto de certos verbos transitivos, sem que seja necessário se referir à natureza dos sujeitos dos predicados da classe difícil. Observe-se, portanto, que sob essa hipótese os predicados adjetivais da classe difícil são analisados como contendo sujeito sentencial e nunca NP simples. No entanto, a hipótese de apagamento aponta sentenças contendo predicados adjetivais da classe difícil cuja análise requeria a suposição de que deve haver NPs não-sentenciais representados na estrutura profunda de tais sentenças. Sem discutir ainda o peso dos contra-argumentos na explicação dos fatos empíricos, percebemos que a condição de descrição econômica de restrições seletionais passa a ser encarada de maneira distinta, uma vez que ela enquanto tal não deixa de ser verdadeira.

Os fatos discutidos acima parecem sugerir que as duas hipóteses assumem postulados teóricos distintos, pois não observam questões sob a mesma perspectiva.

3.2. Revisão de argumentos: modais e indefinidos

Lasnik e Fiengo (1973) apontam vários contra-exemplos à hipótese de alçamento para os predicados adjetivais da classe difícil, e em favor da regra de apagamento. Desses contra-argumentos, que foram discutidos na seção 2, observou-se que dois deles, os que envolvem modais e indefinidos, parecem levantar proble-

mas para a hipótese de alçamento, o que, de alguma forma, valeria como evidência em favor da hipótese de apagamento. Retomaremos, agora, a discussão desses argumentos, tentando acrescentar algumas observações.

Reexaminaremos primeiro o argumento baseado em modais.

O problema levantado por esse argumento é o fato de que a dupla interpretação (epistêmica e root) presente em sentenças como

(110) Orientadores devem ser difíceis de convencer

não teria explicação satisfatória sob a hipótese de alçamento. Isto é, a base

(112) Deve ser difícil convencer orientadores

só apresenta uma das duas interpretações (só a epistêmica) que a sentença (110), derivada pela regra de alçamento possui. Logo, a segunda interpretação (a root) ficaria sem explicação.

Chomsky (1971), em "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation", observa que certas propriedades dos auxiliares modais do inglês parecem requerer regras de interpretação semântica na estrutura superficial. A partir daí, poderíamos supor que o problema apontado com respeito a sentenças como (110) seria explicado por uma regra de interpretação semântica na estrutura superficial. Assim, consideremos, inicialmente, que o modal dever tem duas acepções, a de obrigação(root) e a de possibilidade(epistêmica), como se pode ver nas sentenças (116) e (117),

respectivamente,

(116) Alunos devem cuidar dos livros (porque seus pais se esforçaram para comprá-los).

(117) Esses alunos devem estudar (porque tiram sempre boas notas).

Observe-se, agora, que temos sempre a acepção de possibilidade em estruturas em que não há sujeito como

(118) Deve chover hoje.

e em estruturas com complemento sentencial sujeito como

(119)a. Ver esse filme deve ser interessante

b. Deve ser interessante ver esse filme

Observe-se, também, que a acepção de obrigação requer a ocorrência de NP sujeito marcado como [mais humano]²:

(120)* Cadeiras devem ser confortáveis

(121)* Crianças devem estudar

Em (121), podemos ter, ao lado da interpretação de possibilidade, dever com sentido de obrigação, mas em (120) não.

Consideremos, agora, a seguinte sentença :

(122) Esses livros devem ser difíceis de ler.

Sentenças como (122) nunca são ambíguas, apresentando apenas a chamada interpretação epistêmica, em que dever tem a acepção de possibilidade. Assim, a derivação de sentenças como (122), pela aplicação da regra de alçamento a partir de uma base como (123) seria explícada sem problemas:

(123) ↑ Deve ser difícil ler esses livros
 └────────────────────────────────┘

Note-se, aí, que o elemento afetado pela regra de alçamento é [menos humano] .

Há certas sentenças com predicados da classe difícil, em cujo complemento ocorrem verbos como en-tender, convencer, que podem ter objeto marcado [mais humano] e cujos sujeitos são necessariamente humanos, que são sempre ambíguas, como

(124) Orientadores são difíceis de convencer

Ou seja, há uma interpretação em que orientadores é entendido como o sujeito do verbo convencer, e outra em que é entendido como o objeto do mesmo verbo.

Uma sentença como

(110) Orientadores devem ser difíceis de convencer

é paralela a (124), pois apresenta a mesma ambiguidade apontada para essa última sentença. Isto é, orientadores é também entendido como sujeito de convencer num caso, e entendido como objeto de convencer, em outro. A sentença (110) difere de (124) pela presença

do modal dever, que lhe confere outras duas interpretações, a de dever com a acepção de obrigação (root) e a de dever com a acepção de possibilidade (epistêmica).

Com base nos fatos acima, podemos ver que só temos a interpretação root do modal dever quando no complemento de predicados adjetivais da classe difícil ocorrer uma certa classe de verbos que possuem sujeitos humanos e que podem ter objetos [mais humanos], nas condições apontadas acima. A partir daí, poderíamos supor que o componente semântico atribuiria, de alguma forma, a interpretação root (de obrigação) ao modal dever, quando se tivesse, por exemplo, uma base como

(112) Deve ser difícil convencer orientadores

e nela aplicássemos a regra de alçamento do objeto, movendo orientadores, objeto de convencer, para a posição de sujeito de dever ser difícil, produzindo assim

(110) Orientadores devem ser difíceis [de convencer]

Note-se que o NP orientadores movido pela regra de alçamento, é marcado [mais humano]. Então a regra de interpretação semântica atuaria sobre a estrutura superficial e daria a leitura correta. Ou seja, sempre que a regra de alçamento operasse em NPs marcados [mais humano], a regra semântica atribuiria a interpretação root ao modal dever.

Uma segunda alternativa, compatível com a hipótese de alçamento, pode ser fundamentada na proposta

de rule feature (Lakoff, 1965)³.

Consideremos novamente

(110) Orientadores devem ser difíceis de convencer.

O problema apontado para derivação de (110) poderia ser explicado supondo-se uma rule feature que marcaria dever como [mais humano], e baseando-se nas seguintes consideração.

Consideremos, inicialmente, que o modal dever, com a acepção de possibilidade, ocorre em esquemas sintáticos como

(125) Dever Cópula Difícil $\left[\begin{array}{ccc} \text{NP}_1 & \text{V} & \text{NP}_2 \\ \text{s} & & \text{s} \end{array} \right]$

(126) NP Dever Cópula Difícil $\left[\begin{array}{ccc} \text{NP}_1 & \text{V} & \text{NP}_2 \\ \text{s} & & \text{s} \end{array} \right]$

O dever - possibilidade vai ser chamado aqui de dever 1. E com a acepção de obrigação, o modal dever só o - corre em esquemas sintáticos como

(126) NP Dever Cópula Difícil $\left[\begin{array}{ccc} \text{NP}_1 & \text{V} & \text{NP}_2 \\ \text{s} & & \text{s} \end{array} \right]$

O dever - obrigação vai ser chamado de dever 2.

Como o modal dever 2 só ocorre quando há um NP sujeito, talvez fosse possível propor que ele fosse marcado com uma rule feature [mais alçamento do objeto], de tal forma que uma estrutura como

(127) NP₂ Dever 2 Cópula Difícil $\left[\begin{array}{ccc} \text{NP}_1 & \text{V} & \text{NP}_2 \\ \text{s} & & \text{s} \end{array} \right]$

seria automaticamente transformada em

$$(128) \text{ NP}_2 \text{ Dever 2 Cópula Difícil } \left[\begin{array}{cc} \text{NP}_1 & \text{V} \\ \text{s} & \end{array} \right] \text{ s}$$

↑

Assim, a derivação de sentenças como

(110) Orientadores devem ser difíceis de convencer

se realizaria da seguinte forma. Num caso, teríamos uma base em que dever 1 teria sido inserido lexicalmente, como mostrado em

(129) Dever 1 ser difícil [PRO convencer orientadores].

A partir de uma base como (129), a regra de alçamento poderia ou não aplicar-se, e dessa maneira a interpretação epistêmica, do dever- possibilidade, estaria explicada. Noutro caso, teríamos uma base em que dever-2 teria sido inserido, e aí a regra de alçamento do objeto se aplicaria. E então, a interpretação root, do dever-obrigação, estaria explicada. Assim, a ambiguidade de sentenças como (110) estaria associaada a existência de dois modais dever.

Várias críticas têm sido feitas à proposta de Lakoff de rule feature na gramática do inglês (ver Bresnan, 1970)⁴. E no caso, a alternativa parece ser extremamente ad hoc.

Quanto aos chamados modais, vale observar que a análise de dever e outros como modal é conflitante dentro da gramática gerativa transformacional. Tanto em Syntact Structures⁵ como em Aspects of the Theorie

of Syntax, Chomsky argumenta que will, can, may, shall, must são modais⁶. Entretanto, vários outros autores, como Ross (1967)⁷, Klein (1968)⁸, Abaurre (1973)⁹, le¹⁰vantam a hipótese de que os chamados modais são na verdade verbos principais. Não será discutido, aqui, no entanto, que implicações tais propostas têm na presente discussão.

Como se pode ver, o problema de sentenças que contém predicados adjetivais da classe difícil, envolvendo dever, requer um exame mais apurado da natureza de elementos dito modais, o que de certa forma, escapa ao âmbito do presente trabalho.

Reexaminaremos, agora, o argumento envolvendo indefinidos.

A hipótese de apagamento chamou a atenção para o fato de que a regra de alçamento do objeto requer uma restrição para impedir que indefinidos não-genéricos sejam movidos. O exemplo abaixo atestaria esse fato:

- (73)a. * É difícil [de encontrar alguém na rua]
 b.* Alguém é difícil [de encontrar] na rua]
 ↑

Assim, a regra de alçamento não poderia aplicar-se em (73)a, movendo alguém, que é um indefinido não-genérico, para a posição de sujeito de ser difícil, produzindo dessa maneira a sentença agramatical (73)b.

A hipótese de apagamento aponta também para o fato de que, ao lado da restrição de movimento de indefinidos não-genéricos, a regra de alçamento do objeto

requer uma restrição na restrição citada acima para que seja possível mover indefinidos genéricos. Observem-se assim

- (75)a. É difícil [de estacionar carros no centro]
 b. Carros são difíceis [de estacionar no centro]

Assim, a regra de alçamento pôde aplicar-se, movendo carros, que é um indefinido genérico, para a posição de sujeito do predicado ser difícil, produzindo a sentença (75)b.

Pelos fatos apontados acima, percebe-se que a crítica da hipótese de apagamento se aplica, pois não parece provável que a regra de alçamento do objeto possa ser impedida de se aplicar no caso de indefinidos como alguém para evitar (73)b, e ao mesmo tempo possa se aplicar e mover indefinidos como carros para derivar (75)b. No entanto, parece necessário examinar mais fatos para que essa questão possa ser decidida.

3.3 Novos fatos

Examinaremos, agora, outros tipos de sentenças do português, em que ocorrem predicados adjetivais da classe difícil. Essas novas sentenças apresentam certos aspectos, que devem ser levados em conta na descrição desses predicados. Assim, observaremos como as hipóteses de apagamento e de alçamento conduzem a discussão dos problemas surgidos da análise de tais sentenças.

I- O primeiro tipo de sentença a ser examinado é o de sentenças como

(130) Esses livros são difíceis para os estudantes lerem¹⁰

O fato de sentenças como (131) serem paralelas a sentenças como (130), diferindo pela ocorrência da transformação passiva no complemento, fornece evidência de que o complemento de (130) é sentencial.

(130) Esses livros são difíceis para os estudantes lerem

(131) Esses livros são difíceis para ser lidos pelos estudantes.

Ainda quanto à análise de sentenças como (130), é necessário pensar a posição do constituinte para os estudantes na estrutura profunda. Em sentenças como (130), não é possível deslocar o constituinte para os estudantes da posição em que se encontra. Observe-se, assim, que os exemplos em (132) e (133) são agramaticais:

(132)* Para os estudantes esses livros são difíceis lerem
 4 _____

(133)* Esses livros são difíceis lerem para os estudantes
 _____ ↑

A partir daí, parece possível supor que para os estudantes é o sujeito do complemento, e que para é um complementizador. Observemos, agora, que sentenças como (132) e (133) contrastam com (134) e (135), respectivamente, onde o movimento de para os estudantes

é permitido.

(134) Para os estudantes, esses livros são difíceis de ler.

(135) Esses livros são difíceis de ler, para os estudantes.

Considerando os fatos acima, sob a hipótese de apagamento, sentenças como (130) têm estrutura profunda mais ou menos como a representada em (136), onde se aplica a regra obrigatória de apagamento do objeto.

(136) Esses livros_i são difíceis [_s para os estudantes lerem esses livros_i]_s¹¹.

⇓
Ø

Sob a hipótese de alçamento, a estrutura profunda de sentenças como (130) pode ser representada como

(137) [_s Para os estudantes lerem esses livros]_s é difícil

Caso não se apliquem outras transformações, de (137) derivamos:

(138) ? Para os estudantes lerem esses livros é difícil

Sentenças como (138) parecem estranhas e parecem, também, ter (139), onde o complementizador para foi eliminado, como uma realização mais aceitável.

(139) Os estudantes lerem esses livros é difícil¹².

Em (138), podemos aplicar a regra opcional de extraposição, movendo o complemento sentencial sujeito para depois do predicado ser difícil, e derivar a sentença paralela

(140) é difícil [para os estudantes lerem esses livros]¹³
 ↑

Sentenças como (130) são derivadas pela aplicação, em uma estrutura como (140), onde já se aplicou a regra de extraposição, da regra opcional de alçamento do objeto, mais ou menos como indicado em

(141) Esses livros são difíceis [para os estudantes lerem]¹⁴
 ↑

Diante dos fatos apontados acima, vemos que sentenças como (130) são analisadas sem problemas pelas duas hipóteses. Isto é, as duas hipóteses são, nesse caso, igualmente compatíveis com os fatos.

II- Examinemos, agora, outro tipo de sentença como:

(142) Esses livros são difíceis para os estudantes ler.

Sentenças como (130), aparentemente, diferem de sentenças como (142) por haver concordância no verbo do complemento. No entanto, em (142), o constituinte para os estudantes, ao contrário do que se observou em (130), não deve estar associado ao complemento co-

mo sujeito, uma vez que a regra obrigatória de concordância verbo-sujeito não se aplicou. Em vez disso, o constituinte para os estudantes deve ser uma frase preposicionada ligada ao predicado adjetival ser difícil. Em virtude desse fato, o constituinte para os estudantes pode ser movido, como foi mostrado nos exemplos¹⁵:

- (134) Para os estudantes, esses livros são difíceis de ler
 (135) Esses livros são difíceis de ler, para os estudantes

Sob a hipótese de apagamento do objeto, sentenças como (142) podem ter (143) como estrutura profunda possível, onde se aplica a regra obrigatória de apagamento do objeto.

- (143) Esses livros_i são difíceis para os estudantes_i, [Δ_i , ler esses livros_i]¹⁶
- $\Downarrow$
 σ

O primeiro problema na análise de sentenças como (142) é quanto à estrutura do complemento, no que diz respeito à natureza do elemento Δ_i , proposto na posição do sujeito da estrutura profunda.

Foi visto que o constituinte para os estudantes em (142) não é o sujeito do complemento. Ao lado disso, vemos que o sujeito do verbo ler do complemento é entendido como os estudantes. Ocorre, no entanto, que o elemento Δ_i , postulado para preencher a posição de sujeito do complemento, não pode exercer sintaticamen

te essa função, uma vez que não pode haver concordância. Possivelmente, o elemento Δ_i , não possui traços sintáticos nem tem realização fonológica, e será interpretado por alguma regra semântica¹⁷ como controlado pelo NP os estudantes da frase preposicionada, e correferente a esse mesmo NP.

O segundo problema é que o complemento de sentenças como (142) não pode ser passivizado, embora haja ambiente estrutural para isso. Assim, tomando-se a estrutura profunda (143) e aplicando-se a transformação de passiva no complemento temos a estrutura derivada¹⁸:

(144) Esses livros são difíceis para os estudantes_i, $\left[\begin{array}{c} \text{(de) esses} \\ \text{livros ser lidos por } \Delta_i, \end{array} \right]_s$

Aplicando-se a regra de EQUI em (144), cancelamos a segunda ocorrência de esses livros e temos:

(145)*Esses livros são difíceis para os estudantes de ser lidos.

Como se pode notar, (145) é uma sentença agramatical do português, logo sentenças como (142) não podem sofrer a aplicação de passiva no complemento. Para impedir que a transformação de passiva se aplique no complemento de sentenças como (142), pode-se supor que o elemento Δ_i , pelas características apontadas, não possa oferecer ambiente para a operação dessa regra.

Consideremos, agora, as seguintes sentenças, em que houve o movimento da frase preposicionada para os estudantes:

- (134) Para os estudantes, esses livros são difíceis de ler
 (135) Esses livros são difíceis de ler, para os estudantes.

Note-se que nessas sentenças, o de tem de estar presente na estrutura superficial, uma vez que sentenças como (146) e (147) são agramaticais.

- (146)* Para os estudantes, esses livros são difíceis ler
 (147)* Esses livros são difíceis ler, para os estudantes

Ao lado desse fato, observe-se que em sentenças como (142), em que a frase preposicionada não foi movida, o de não pode estar presente, pois (148) é agramatical.

- (148)* Esses livros são difíceis para os estudantes de ler.

Para dar conta dos fatos apontados acima, pode-se propor que sentenças como (142), (134) e (135), em vez de terem como estrutura profunda como (143), tenham como (149).

- (143) Esses livros_i são difíceis para os estudantes_i,

[Δ_i , ler esses livros_i]

- (149) Esses livros_i são difíceis para os estudantes_i,

[de Δ_i , ler esses livros_i]

A estrutura (149) como estrutura profunda de (142), (134) e (135), teríamos as seguintes regras envolvidas em suas derivações:¹⁹

- (150) a. regra de apagamento do complementizador de.
 b. regra de movimento de frase preposicionada.

Essas duas regras seriam mutuamente exclusivas. Ou seja, para derivar (142) a regra de apagamento do complementizador de se aplicaria, e assim não seria mais possível aplicar a regra de movimento de frase preposicionada; para derivar (134) e (135) a regra de movimento de frase preposicionada se aplicaria e não poderia aplicar-se a regra de apagamento do complementizador de.

Sob a hipótese de alçamento do objeto, sentenças como

(142) Esses livros são difíceis para os estudantes ler
 podem ter (151) como estrutura profunda possível

(151) [Δ_i ler esses livros] é difícil para os estudantes_i

Paralelamente ao que foi proposto para a análise de (142) sob a hipótese de apagamento, aqui também se tem um elemento Δ_i na posição de sujeito do complemento, com as mesmas características apontadas anteriormente. Além disso, também o complemento em (151) não pode ser passivizado, pois (152) não é gramatical.

(152)* Esses livros serem lidos é difícil para os estudantes.

Da estrutura profunda (151), pode-se derivar:

(153) Ler esses livros é difícil para os estudantes

Aplicando-se a regra opcional de extraposição em (151) derivamos também:

(154) É difícil para os estudantes ler esses livros

Sentenças como (142) são derivadas pela aplicação da regra opcional de alçamento do objeto, mais ou menos como indicado em

(155) Esses livros são difíceis para os estudantes, $[\Delta_i \text{ ler}]$

↑

Além das sentenças indicadas acima, sentenças como (156) são derivadas da estrutura profunda (151), pela aplicação da regra opcional de movimento de frase preposicionada:

(156) Para os estudantes, ler esses livros é difícil .

↑

Observemos, agora, que as sentenças (153), derivada diretamente, (154), derivada por extraposição, (142), derivada por extraposição e alçamento do objeto, e (156), derivada por movimento de frase preposicionada, contrastam, respectivamente, com

(157)* De ler esses livros é difícil para os estudantes

(158)* É difícil para os estudantes de ler esses livros

(159)* Esses livros são difíceis para os estudantes de ler

(160)* Para os estudantes, de ler esses livros é difícil.

Ou seja, o elemento de não pode estar presente

na estrutura superficial de nenhuma dessas sentenças. No entanto, observemos que sentenças, em que se aplicou a regra de extraposição e a de movimento de frase preposicionada como

- (161)a. Para os estudantes, é difícil ler esses livros
 b. É difícil ler esses livros, para os estudantes

apresentam, como realizações paralelas, as sentenças

- (162)a. Para os estudantes, é difícil de ler esses livros
 b. É difícil de ler esses livros, para os estudantes

Ou seja, o elemento de pode, opcionalmente, estar presente na estrutura superficial de tais sentenças.

Consideremos, também, as seguintes sentenças:

- (134) Para os estudantes, esses livros são difíceis de ler
 (135) Esses livros são difíceis de ler, para os estudantes

derivadas por extraposição, alçamento do objeto e movimento de frase preposicionada. Sentenças como (134) e (135) contrastam, respectivamente, com

- (146)* Para os estudantes, esses livros são difíceis ler
 (147)* Esses livros são difíceis ler, para os estudantes.

Ou seja, o elemento de tem de estar presente na estrutura superficial dessas sentenças.

Com base nos fatos acima, vemos que se estabelecem as seguintes situações:

- (163)a. O de não pode estar presente na estrutura superficial.
- b. O de pode, opcionalmente, estar presente na estrutura superficial.
- c. O de tem de estar, obrigatoriamente, presente na estrutura superficial.

Considerando-se as circunstâncias (regras requeridas) sob as quais as situações acima se estabelecem, percebe-se, apenas, uma relação entre a regra de movimento conjugada com a regra de extraposição e a possibilidade de superficialização do de, na posição de complementizador. No entanto, não parece possível retirar conclusões explicativas, assim como não é possível estabelecer condições não-ad hoc para prever o aparecimento do de na estrutura superficial das sentenças em estudo.

Se assumirmos que a estrutura profunda dessas sentenças, em vez de (151), deve ser

(164)_s [De Δ_i ler esses livros] é difícil para os estudantes_i.

que contem o complementizador de, será requerida uma regra de apagamento do complementizador de, sob as seguintes restrições. Primeiro, será necessário prever a regra de apagamento do complementizador de se aplicando obrigatoriamente para derivar (153), (154), (142) e (156), uma vez que (157), (158), (159) e (160) são agramaticais. Segundo, será necessário prever a regra

de apagamento do complementizador de se aplicando opcionalmente para derivar tanto (161)a e (161)b como (162)a e (162)b. E por último, será necessário prever que a regra de apagamento não possa aplicar-se na derivação de (134) e (135), uma vez que (146) e (147) são agramaticais.

Se, por outro lado, supusermos que a estrutura profunda das sentenças é realmente

(151) $[\Delta_i \text{ ler esses livros}]$ é difícil para os estudantes_i

que não contem o complementizador de, será requerida uma regra de inserção do complementizador de, sob as seguintes condições. Primeiro, será necessário prever que a regra de inserção de de não se aplique na derivação das sentenças (153), (154), (142) e (153), pois e las não contém o complementizador, e os exemplos que o apresentam são sentenças mal-formadas. Segundo, será necessário prever regra de inserção do complementizador de se aplicando obrigatoriamente, para derivar (134) e (135), que requerem a presença do de, na posição de complementizador e bloquear (146) e (147). E, por fim, será requerido que a regra de inserção do complementizador de possa aplicar-se opcionalmente para que seja possível derivar tanto (161)a e (161)b como (162)a e (162)b.

Pelos fatos apontados acima, vemos que as duas hipóteses de estrutura profunda, a que contém e a que não contém o complementizador de, parecem dar conta dos fatos de maneira semelhante. Note-se que há apenas uma inversão das restrições em função da explica-

ção transformacional ou não do aparecimento do complementizador de. Isto é, onde uma hipótese requer a aplicação obrigatória da regra de apagamento de de, a outra requer que a regra de inserção de de não se aplique; onde uma hipótese requer que a regra de apagamento de de seja opcional, a outra requer que a regra de inserção de de seja opcional; onde uma hipótese requer que a regra de apagamento de de não se aplique, a outra requer que a regra de inserção de de se aplique. Logo, ambas as hipóteses se mostram igualmente adequadas empiricamente aos fatos, ou não.

Vemos, também, que as hipóteses de alçamento e de apagamento do objeto descrevem igualmente os fatos envolvidos em sentenças como as tratadas aqui, e lidam ambas com a mesma ordem de problemas.

III- Há, ainda, sentenças como

(165) Esses estrangeiros são difíceis de entender

Sentenças como (165) apresentam como realização paralela

(166) Esses estrangeiros são difíceis para entender.

Sentenças como (165), ou como a forma paralela (166), são ambíguas. Isto é, apresentam uma interpretação em que o sujeito cancelado do verbo entender é um PRO²⁰ e o objeto cancelado desse mesmo verbo é esses estrangeiros. E apresentam, também, outra interpretação, em que o sujeito cancelado do verbo entender é

esses estrangeiros e o objeto cancelado desse mesmo verbo é um PRO.

Essa observação parece plausível, na medida em que há sentenças como (167) e (168), que possuem sujeito e objeto lexicalmente especificados:

(167) Esses estrangeiros são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ nós entendermos

(168) Esses estrangeiros são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ entender
certas coisas.

A estrutura de sentenças como (167) é paralela à estrutura de sentenças como (130), discutida em I. Interessaria, agora, discutir a estrutura de sentenças como (168) e observar os problemas decorrentes das análises propostas pelas hipóteses de apagamento e de alçamento.

Consideremos, então, que, sob a hipótese de apagamento, sentenças como (168) devem ter (169) como estrutura profunda possível:

(169) Esses estrangeiros_i são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para esses} \\ \text{estrangeiros}_i \text{ entender certas coisas} \end{array} \right]_{\text{s}}^{21}$.

O primeiro fato a observar quanto a sentenças como (168) é que não pode haver concordância no verbo do complemento. Note-se que sentenças como (170) são agramaticais:

(170)* Esses estrangeiros são difíceis para entenderem

certas coisas²².

Outro fato a respeito de (168) é que o complemento não pode sofrer a aplicação de passiva.

Note-se que sentenças como (171), em que se aplicou passiva no complemento, são agramaticais:

(171)* Esses estrangeiros são difíceis $\left[\begin{smallmatrix} \text{para} \\ \text{de} \end{smallmatrix} \right]$ certas coisas serem entendidas $\left[\begin{smallmatrix} \text{por esses estrangeiros} \\ \text{por eles} \end{smallmatrix} \right]$.

Diante desses dois fatos apontados acima, um mecanismo possível para bloquear sentenças como (170), em que houve concordância no complemento, e sentenças como (171), em que se aplicou passiva no complemento, seria uma rule feature (Lakoff, 1965). Essa rule feature marcaria a classe difícil de predicados adjetivais como $\left[\text{mais EQUI} \right]$. Dessa maneira, considerando-se a estrutura profunda (169), a segunda ocorrência de esses estrangeiros seria cancelada, impedindo que se aplicasse a concordância sujeito-verbo e também a regra de passiva no complemento. No entanto, a rule feature $\left[\text{mais EQUI} \right]$ para a classe difícil de predicados adjetivais funcionaria satisfatoriamente apenas no caso de derivar sentenças como (168) e bloquear sentenças como (170) e (171). Note-se que sentenças bem formadas como

(167) Esses estrangeiros são difíceis $\left[\begin{smallmatrix} \text{para} \\ \text{de} \end{smallmatrix} \right]$ nós entendermos.

também seriam bloqueadas. Isto é, no caso de sentenças

como (167), a rule feature [mais EQUI]²³ não encontraria o ambiente necessário, para a sua aplicação, de identidade entre o sujeito esses estrangeiros do predicado ser difícil e o sujeito nós do complemento entender certas coisas, e impediria que essa sentença se produzisse. Segue-se, então, que o mecanismo de rule feature, no caso, não funciona.

Dado que a alternativa exposta acima não é viável, poderíamos propor que, em vez de uma estrutura profunda como (169), sentenças como

(168) Esses estrangeiros são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ entender
certas coisa.

tenham, como estrutura profunda,

(172) Esses estrangeiros_i são difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para } \Delta_i \\ \text{entender certas coisas} \end{array} \right]_s$.

Aqui, novamente, é postulado um elemento Δ_i para ocupar a posição de sujeito do complemento, com as mesmas características apontadas no caso II, isto é, sem traços sintáticos para afetar a concordância, sem realização fonológica, correferente com o sujeito do predicado e interpretável por uma regra semântica como sujeito do complemento. Dessa maneira, também, se explicaria a não-realização da concordância no complemento e a impossibilidade da operação da regra de passiva.

Sob a hipótese de alçamento, a estrutura profunda de sentenças como (168) pode ser:

(173) [_s Para esses estrangeiros entender certas coisas _s]
é difícil.

Assumindo-se uma estrutura profunda como (173), derivamos sentenças como

(174) Para esses estrangeiros entenderem certas coisas
é difícil.

Paralelamente a (174), há sentenças em que o complementizador foi cancelado como

(175) Esses estrangeiros entenderem certas coisas é
difícil.

Aplicando-se a regra de extraposição em (173), derivamos

(176) É difícil $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ esses estrangeiros entenderem
certas coisas.

Paralelamente a (176), também há sentenças em que o complementizador é eliminado, como

(177) É difícil esses estrangeiros entenderem certas
coisas.

Para derivar sentenças como (168) a partir de

uma estrutura como (173), é requerida uma regra que mova o sujeito do complemento para a posição de sujeito superficial do predicado ser difícil. Essa regra de movimento do sujeito do complemento, que passa a ser chamada de regra de alçamento do sujeito²⁴, se aplicaria numa estrutura derivada como

(178) É difícil _s[para esses estrangeiros entender certas coisas]_s.

em que já teria sido aplicada a regra de extraposição, produzindo uma estrutura como

(179) Esses estrangeiros são difíceis [para entender certas coisas] .

Observe-se que, assumindo-se uma estrutura como (178), que é derivada de (173) pela regra de extraposição, pode-se prever também a aplicação da regra de alçamento, mais ou menos como indicado em

(180) ↑ É difícil [para esses estrangeiros entenderem certas coisas]

e derivar assim

(181) Certas coisas são difíceis [para de] esses estrangeiros entenderem²⁵.

O problema que se coloca, então, é que a partir de uma estrutura derivada como (178) é possível se prever a aplicação de duas regras opcionais, que são a de alçamento do sujeito e de alçamento do objeto, cujos elementos afetados por elas vão ocupar o mesmo lugar na estrutura superficial, que é a posição de sujeito do predicado adjetival ser difícil. Talvez se devesse pensar em um mecanismo para impedir que, caso uma delas se aplicasse, a outra regra pudesse se aplicar em seguida, como por exemplo caracterizá-las como mutuamente exclusivas. Isto, no entanto, não parece resolver o problema propriamente. Vale dizer ainda que não foi encontrada nenhuma motivação para se propor também algum tipo de ordenação entre essas duas regras, nem para restringir a aplicação de uma delas à não aplicação da outra.

Vemos, agora, que as hipóteses de alçamento e de apagamento do objeto se encontram diante de problemas diferentes ao examinarem os fatos envolvidos em sentenças como (168). Sob a hipótese de apagamento, a análise desse tipo de sentença requer um tipo de elemento Δ_i para dar conta dos fatos. E sob a hipótese de alçamento, surge o problema de ser previsível a aplicação simultânea de duas regras opcionais, sem que haja motivação para ordená-las, por exemplo. Ocorre, no entanto, que esses fatos problemáticos que cada uma das hipóteses enfrenta não podem ser colocados para a hipótese rival, a fim de se percebesse a limitação de cada uma, dado que elas se opõem do ponto de vista da escolha de dados (Sentenças relacionadas semanticamente, por exemplo). Assim, esses problemas parecem ser das hipóteses em si.

3.4. Conclusão

A presente dissertação pretendia analisar a classe difícil dos predicados adjetivais do português, segundo hipóteses disponíveis na literatura gerativa transformacional. Essas hipóteses, que foram chamadas de hipótese de alçamento do objeto e de hipótese de a pagamento do objeto, revelaram-se problemáticas para a descrição dos fatos envolvidos nas sentenças em que ocorrem construções com os predicados adjetivais da classe difícil. Ou seja, as hipóteses, contruídas com base nos dados do inglês, foram testadas com dados do português e não foi possível dar conta de todos os as pectos apresentados pela construção em questão.

Dado o quadro apontado acima, podemos admitir as seguintes situações. Como primeira situação, pode-se supor que os fatos problemáticos, apontados para cada uma das hipóteses, não foram tratados devidamente. Assim, será necessário investigar cada problema mais detidamente, ou ainda buscar novos fatos, o que tornará possível assumir uma das hipóteses como a mais correta. Como segunda situação, pode-se supor que os fatos apontados como problemas para as duas hipóteses realmente o são. Nesse caso, será necessário se buscar outra alternativa para descrever os fenômenos. Essa outra alternativa a ser buscada, suponho, pode-se caracterizar de duas maneiras em princípio. Num caso, e la surgirá da adoção da hipótese de alçamento para uns casos e da hipótese de apagamento para outros casos. Tal posição, me parece, requeria justificativa fundamentada de por que tratar a mesma construção sintática diferentemente dentro de uma mesma teoria de gramática.

Noutro caso, a alternativa representaria uma alternati
va efetiva na medida em que se revestiria de posições
completamente novas a respeito de fenômenos em discus-
são.

A presente dissertação limitou-se a discutir cer
tos aspectos das construções com predicados adjetivais
da classe difícil e a apontar alguns problemas surgidos
das análises baseadas nas hipóteses descritivas conheci
das.

Notas

Seção 3

1- Lasnik e Fiengo (1973) não comentam esse aspecto.

2- Estou em dúvida quanto ao traço se mais humano ou mais animado. Se se marcar mais animado, sentenças como

(i) Cachorros devem latir quando vêm ladrões.

(ii) Crianças devem respeitar os mais velhos.

apresentariam exatamente o mesmo sentido do dever-obrigação, o que não me parece ser verdade, porque crianças podem ter obrigações de alguma coisa, do ponto de vista de quem lhe atribui isso, ao mesmo tempo que lhes é perfeitamente possível ter algum tipo de consciência a respeito dessa obrigação. Em virtude desse fato, assume-se, aqui, que o traço é mais humano, no entanto, para efeito da discussão não alteraria muito se no seu lugar tivemos o traço mais animado.

3- Lakoff, G. (1965). On the Nature of Syntactic Irregularity. Ph.D. Dissertation, Harvard University.

4- Bresnan, J. (1970). "on Complementizers: Toward a Syntactic Theory of Complement Types". Foundations of Language 6, 297-321.

5- Chomsky, N. (1957). Syntactic Structures. The Hague: Mouton and Co.

6- Essa indicação consta da bibliografia indicada no trabalho.

7- Ross, J.R. (1967). "Auxiliaries as main verbs" in Toold, William (ed.). Studies in Philological Linguistics, Series One, 77-104.

8- Klein, P. (1968). "Modal Auxiliaries in Spanish". Series in Linguistics and Language Learning. vol. IV, Seattle: University of Washington.

9- Abaurre, M.B. (1973). Two Approaches to the Problem of Modality in Portuguese. Sunny/A.B.

10- Sentenças como

(120) Esses livros são difíceis para os estudantes lerem

apresentam como realização equivalente

(i) Esses livros são difíceis dos estudantes lerem.

O que parece se seguir da comparação entre (130) e (i) é que possivelmente ocorre uma substituição indistinta entre os elementos para e de nesse contexto. Mas não foi possível estabelecer qualquer tipo de explicação. Deve-se acrescentar ainda que a construção com para (130) é utilizada com mais frequência por falantes de "dialeto mais culto". Os falantes, que utilizam a construção com de (i), observaram sistematicamente que usariam também a construção com para (130).

11- Para derivar sentenças como (131), aplicamos a transformação de passiva, como mostrado em

(i) Esses livros_i são difíceis $\left[\begin{array}{l} \text{para esses livros}_i \\ \text{ser lido pelos estudantes} \end{array} \right]_s$.

A segunda ocorrência de esses livros é cancelada pela aplicação da regra de EQUI. Deve-se observar, ainda, que é assumido aqui que a concordância sujeito-verbo é pós-cíclica no português [ver Quicoli, A.C.,

(1972). Aspects of Portuguese Complementation. Tese de Doutorado. State of New York at Buffalo. N.Y.] .

Logo, a concordância, em (i), entre a segunda ocorrência de esses livros e ser não é efetuada, porque fica eliminado o ambiente de aplicação da regra de concordância, uma vez que EQUI se aplicou antes. Assim, a seguinte sentença fica bloqueada:

(ii)*Esses livros são difíceis de serem lidos pelos estudantes.

Se sentenças como (ii), em que ocorreu a concordância, parecem gramaticais, sentenças como (iii) são claramente agramaticais.

(iii)* Nós somos difíceis de sermos encontrados pelos estudantes.

12- Se tanto (138) como (139) forem gramaticais, talvez seja possível propor uma regra opcional de apagamento do complementizador nessa posição. Mas é necessário investigar mais fatos.

13- Aqui, também, ao lado de (140), temos (i), onde o complementizador foi eliminado.

(i) É difícil os estudantes lerem esses livros.

14- Observe-se que a aplicação da regra de alçamento do objeto numa estrutura como (140) viola a condição do sujeito especificado de Chomsky (1971). Ver Conditions on Transformations, citado na bibliografia.

15- Sentenças como (134) e (135) são ambíguas. Elas apresentam uma leitura em que o sujeito do verbo ler é

controlado, isto é, entendido como os estudantes, cor-
referente do NP os estudantes da frase preposicionada.
E apresentam uma segunda leitura, em que o sujeito de
ler não é controlado pelo NP os estudantes da frase
preposicionada. Nessa segunda interpretação a frase
preposicionada para os estudantes pode ser parafrasea-
da pela expressão na opinião dos estudantes, parecen-
do ser um tipo de estrutura parentética, externa à
construção com opredicado adjetival esses livros são
difíceis de ler. Assim, suponho, que sua análise deva
ser essencialmente a que foi discutida para sentenças
como

(60) Esses livros são difíceis de ler

16- O dato de propor Δ_1 como o sujeito do complemento
em lugar de uma forma lexical como os estudantes não
será relevante para a presente discussão.

17-

18- Observe-se a seguinte sentença:

(i) Para os estudantes, esses livros são difí-
ceis de ser lidos.

Sentenças como (i), em que o complemento foi
passivizado, só apresenta aquela interpretação em que
o constituinte para os estudantes pode ser parafrasea-
do pela expressão na opinião dos estudantes. E esse
tipo de sentença não nos interessa discutir aqui.

19- A.C. Quícolo observou-me esse fato.

20- O termo PRO está sendo usado aqui como correspon-

dendo a um elemento indeterminado como alguém ou algo.

21- Não será discutido se é para ou de o complementizador que deve estar na estrutura profunda. Até agora, essa discussão não mostrou ser fundamental; além do mais, não foi possível, também, esboçar qualquer resolução a esse respeito.

22- Para efeito de dúvida quanto à não-gramaticalidade de sentenças como (170), compare (i), que é claramente mal-formada e onde há concordância no complemento, com (ii)

(i)* Nós somos difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ entendermos certas coisas

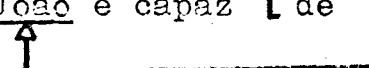
(ii) Nós somos difíceis $\left[\begin{array}{c} \text{para} \\ \text{de} \end{array} \right]$ entender certas coisas

23- A.C. Quícoli apontou-me esse fato.

24- Essa regra de movimento do sujeito requerida para a derivação de (168), aqui referida como regra de alçamento do sujeito, parece ser do tipo da proposta por A.C. Quícoló para relacionar sentenças como

(i) É capaz $\left[\begin{array}{c} \text{de João sair hoje} \\ \text{s} \qquad \qquad \text{s} \end{array} \right]$.

(ii) João é capaz $\left[\begin{array}{c} \text{de} \\ \text{sair hoje} \end{array} \right]$.



25- A aplicação da regra de alçamento do objeto como indicado em (180) viola a condição de sujeito especificado (ver Chomsky, (1971). Conditions on Transformations citado na bibliografia).

REFERENCES

Amos, A. (1972). "Getting Tough". Linguistic Inquiry 3, pp. 373-377

Chomsky, N. (1964). Current Issues in Linguistic Theory. Mouton, The Hague

_____ (1965). Aspects of the Theory of Syntax. The M.I.T. Press, Cambridge, Massachusetts.

_____ (1970). "Remarks on Normalizations" in R. Jakobson and E. Rosenbaum, eds., Readings in English Transformational Grammar. Ginn and Co., Wellesley, Mass.

_____ (1970). "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation". Studies in General and Oriental Linguistics. Commemorative volume for Dr. Shiro Hattori, R. Jakobson and S. Kawamoto (eds), TEC Corporation for Language Research, Tokyo

Eronds, J. (1970). Root and Structure Preserving Transformations. Unpublished doctoral dissertation. M.I.T.

Lasnik, H. e R. Fiengo (1973). Complement Object Deletion. Unpublished paper. M.I.T.

Maurer Jr., Teodoro Henrique (1968). O Infinito Flexionado Português. Companhia Editora Nacional, S. Paulo.

Miller, G. and N. Chomsky (1963). "Finitary Models of Language Users". Handbook of Mathematical Psychology in R. D., Luce, R.R., Bush and E. Galanter (eds).

Rosenbaun, P. (1967). The Grammar of English Predicate Constructions. M.I.T. Press, Cambridge, Mass.

Ross, J.R. (1967). Contraints on Variables in Syntax. Unpublished doctoral dissertation, M.I.T.

Perlmutter, D. (1974). Object Raising and Infinitive Agreement in Portuguese. Texa Symposium on Romance Linguistics.

Postal, P. (1971). Cross-over Phenomena. Holt, Rinehart and Winston, inc., N. York.

Postal, P. and J.R. Ross. (1971). "Tough.movement Si, Tough-delection No !". Linguistic Inquiry 4. vol.III, pp. 544-546.